



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH IV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE - PPGED
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

IANE ROCHA MENDES

**RETRATOS DE MULHERES SERTANEJAS: ENTRE IMAGENS, HISTÓRIAS DE
VIDA E ARTES DE SI**

JACOBINA-BAHIA

2023

IANE ROCHA MENDES

**RETRATOS DE MULHERES SERTANEJAS: ENTRE IMAGENS, HISTÓRIAS DE
VIDA E ARTES DE SI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia como requisito para obtenção do Título de Mestra em Educação e Diversidade.

Linha de Pesquisa: Formação, Linguagens e Identidades.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Gomes da Silva.

Coorientador: Prof. Dr. Antenor Rita Gomes.

JACOBINA-BA

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Bibliotecário:

Mendes, Iane Rocha

M538r Retratos de mulheres sertanejas: entre imagens, histórias de vida e artes de si / Iane Rocha Mendes.

Jacobina – BA

87 fls: il.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia como requisito para obtenção do Título de Mestra em Educação e Diversidade. Universidade do Estado da Bahia, 2023.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Gomes da Silva.

Co orientador: Prof. Dr. Antenor Rita Gomes

1. Sertanidades. 2. Retratos de mulheres sertanejas. 3. Artes de si. 4. Histórias de vida. I. Iane Rocha Mendes. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas / Campus IV. III. Título.

CDD – 305.420981

João Paulo Santos de Sousa
CRB-5/1463.

FOLHA DE APROVAÇÃO

“RETRATOS DE MULHERES SERTANEJAS: ENTRE IMAGENS, HISTÓRIAS DE VIDA E ARTES DE SI”

IANE ROCHA MENDES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade – PPGED, em 28 de Setembro de 2023, como requisito para obtenção do grau de Mestra em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



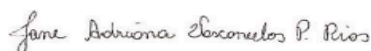
Professor(a) Dr.(a) ANA LUCIA GOMES DA SILVA
Universidade do Estado da Bahia
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia



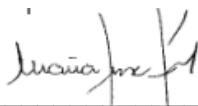
Professor(a) Dr.(a) ANTENOR RITA GOMES
Universidade do Estado da Bahia
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia



Professor(a) Dr.(a) GISLENE MOREIRA GOMES
Universidade do Estado da Bahia
Doutorado em Ciências Sociais
Universidade Latino-Americana de Ciências Sociais



Professor(a) Dr.(a) JANE ADRIANA VASCONCELOS
Universidade do Estado da Bahia
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia



Professor(a) Dr.(a) MARIA AUXILIADORA ÁVILA
Centro Universitário do Sul de Minas
Doutorado em Educação
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

DEDICATÓRIA

Às mulheres sertanejas.
A mim e à coragem que eu tive de não desistir quando eu não tinha mais nada além
de mim mesma.
Ao sertão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao sertão.

Agradeço a cada pingo de chuva que eu ouvi cair no telhado da minha casa em Uibaí. Agradeço pelo cheiro de terra molhada. Agradeço pelo sol forte que me ensinou desde menina a desbravar cada pedacinho de caatinga à procura de sombra.

Agradeço à minha mãe, mulher chocalho que sempre me disse que eu podia qualquer coisa nesse mundo, mas também me falou que eu podia voltar quando quisesse. Que levou tantas canecas de suco de acerola para mim na sala de casa enquanto eu assistia às aulas do mestrado durante o ano de 2021. Minha mãe, minha maior referência de mulher sertaneja, arteira da cozinha, da roça, das suas vontades, de si mesma. Trovão de setembro e neblina de junho na mesma proporção. Bença!

Agradeço ao meu pai, homem calado e nada sério (por mais que as duas coisas pareçam tão conflitantes), que me faz rir até quando meus olhos insistem em chover. Ele sempre diz que não sabe me ver triste e eu o amo ainda mais por isso. Agradeço por no meio desse período turbulento para mim, o senhor expressar todo o seu amor, compreensão e apoio trazendo pedrinhas lapidadas pelo tempo para mim, da roça. Escrevo esses agradecimentos justamente no horário que sei que o senhor está chegando de bicicleta, chapéu de palha e expressão cansada, mas que a primeira coisa que faz é perguntar pra mainha: “as meninas já deram notícia hoje?”. Eu não estaria aqui se não fosse pelo senhor, mas daria tudo para estar ao seu lado agora. Obrigada por não precisar ser tudo para ser a maior coisa na sua vida. Bença!

Agradeço à minha irmã. Ela que sempre foi e sempre será a minha florzinha de quiabento, a mais nova, a mais forte. Hoje, entendo por que sempre a enxerguei assim. Assim como a flor de quiabento, minha irmã tem uma capacidade de resiliência que só uma flor que se abre em plena seca pode e consegue ser! Agradeço por ser minha sombra, meu copo de água do pote, meu alento durante esses dois anos e por tantos outros que certamente ainda virão.

RESUMO

Esta pesquisa toma como objeto de estudo as artes de si e histórias de vida das mulheres sertanejas ao tempo que busca analisar como as imagens podem potencializar o reconhecimento destas artes de si e histórias de vida na composição de perspectivas formacionais para a diversidade. Traz no seu objetivo geral, (Re)conhecer as mulheres sertanejas através de suas imagens, histórias de vida e artes de si a fim de visibilizar as perspectivas formacionais para a diversidade. A pesquisa investiga as trajetórias das mulheres sertanejas, explorando suas imagens e histórias de vida para (des)velar suas potencialidades e analisar como essas imagens e narrativas podem fortalecer perspectivas formativas para e pela diversidade. Para isso, são realizados A(r)teliers de pesquisa, que funcionam como espaços de formação colaborativa. Nesses ateliês, as mulheres sertanejas participantes têm a oportunidade de produzir narrativas de si por meio de imagens, utilizando o diário de campo e a escuta como dispositivos de construção dos dados. Metodologicamente, a pesquisa está alinhada à abordagem narrativa, considerando a narrativa tanto como o objeto de estudo quanto a forma de análise. Os A(r)teliers de pesquisa são utilizados como uma proposta de planejamento projetivo e interventivo com as colaboradoras, que são mulheres sertanejas do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus IV – Jacobina, pertencentes à microrregião de Jacobina-BA. Os resultados obtidos indicam um reconhecimento crescente da importância dos saberes e fazeres artísticos das mulheres sertanejas, bem como uma desconstrução das imagens estereotipadas associadas ao sertão, apontando ainda novos modos de habitá-lo.

Palavras-chave: Sertanidades. Retratos de mulheres sertanejas. Artes de si. Histórias de vida. Imagens.

ABSTRACT

This research takes as its object of study the arts of self and life stories of sertanejo women while seeking to analyze how images can enhance the recognition of these arts of self and life stories in the composition of formative perspectives for diversity. Its general objective is to (Re)discover women from the backlands through their images, life stories and self-art in order to make visible the formative perspectives for diversity. The research investigates the trajectories of women from the countryside, exploring their images and life stories to (un)veil their potential and analyze how these images and narratives can strengthen formative perspectives for and through diversity. To this end, research workshops are held, which function as collaborative training spaces. In these workshops, the participating rural women have the opportunity to produce narratives about themselves through images, using the field diary and listening as data construction devices. Methodologically, the research is aligned with the narrative approach, considering the narrative both as the object of study and the form of analysis. The research studios are used as a proposal for projective and interventional planning with the collaborators, who are women from the sertão region of the Department of Human Sciences of the State University of Bahia (UNEB) – Campus IV – Jacobina, belonging to the Jacobina-BA microregion. The results indicate a growing recognition of the importance of the knowledge and artistic practices of women from the sertão region, as well as a deconstruction of the stereotypical images associated with the sertão, also pointing out new ways of inhabiting it.

Keywords: Sertanities. Portraits of country women. Arts of yourself. Life stories. Images.

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CULT-VI - Grupo de Pesquisa em Cultura Visual, Educação e Linguagem

DCH - Departamento de Ciências Humanas

DIFEBA - Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior

JBL - James Bullough Lansing

NUPE - Núcleo de Pesquisa e Extensão

OAB - Ordem dos Advogados do Brasil

PPGED - Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade

TV - Televisão

UNEB - Universidade do Estado da Bahia

LISTA DE FIGURA

FIGURA 1 - CONVITE ENVIADO ÀS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	17
---	-----------

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 - CAATINGA REVESTIDA POR FOLHAGENS VERDE.....	10
FOTOGRAFIA 2 - FOLHA SECA DE JUAZEIRO.....	11
FOTOGRAFIA 3 - UMBUZEIRO SEM FOLHAS.....	12
FOTOGRAFIA 4 - PÔR-DO-SOL NO SERTÃO.....	13
FOTOGRAFIA 5 - PÉS SOBRE PÉTALAS DE FLORES NO SERTÃO.....	17
FOTOGRAFIA 6 - FLORES DE UMBUZEIRO.....	22
FOTOGRAFIA 7 - “VEM...”.....	24
FOTOGRAFIA 8 - “DAS MINHAS GIGANTES FAVORITAS DA CAATINGA: AROEIRA”.....	24
FOTOGRAFIA 9 - “ANTES DE BATER O VENTO, EU JÁ PENSAVA EM VOAR”.....	31
FOTOGRAFIA 10 - “OLHOS DE CONTEMPLAÇÃO”.....	33
FOTOGRAFIA 11 - “CADA UM COM SEU DETALHE”.....	36
FOTOGRAFIA 12 - MANDACARU.....	39
FOTOGRAFIA 13 - PEIXINHOS NA PALMA DA MÃO.....	51
FOTOGRAFIA 14 - MULHER SERTANEJA SOB O JUAZEIRO (AVÓ DA PESQUISADORA).....	59
FOTOGRAFIA 15 - MULHER SERTANEJA OBSERVA A PAISAGEM (A PESQUISADORA).....	62
FOTOGRAFIA 16 - ROSAS NO SERTÃO.....	64
FOTOGRAFIA 17 - ROSA.....	67
FOTOGRAFIA 18 - BORBOLETAS NO SERTÃO.....	67
FOTOGRAFIA 19 - DUAS BORBOLETAS SOBRE A FLOR.....	70
FOTOGRAFIA 20 - MINIATURA DE ABACAXI.....	72
FOTOGRAFIA 21 - MANDACARU SOB O CÉU AZUL NO SERTÃO.....	74
FOTOGRAFIA 22 - ÁRVORE SEM FOLHAS NO PÔR-DO-SOL.....	76
FOTOGRAFIA 23 - CAJUS NUMA ASSADEIRA EM FORMATO DE CORAÇÃO.....	77

SUMÁRIO

EPÍGRAFE DE TRANSIÇÃO (DE ESCRITA) - UM ANO DEPOIS, NOVAS FOLHAS VOLTAM A CAIR NESTAS PÁGINAS	12
1. CHEGUEI COM O SOL QUENTE - QUEBRAR A DOCE ILUSÃO DE UM BANHO DE CHUVA NO MÊS DE ABRIL - UMA INTRODUÇÃO	18
2. AS PRIMEIRAS ÁGUAS	23
2.1. CHEIRO DE TERRA MOLHADA	30
2.2. CHOVEU	33
3 RASTROS NO CHÃO DA CAATINGA - PEGADAS TEÓRICAS E NARRATIVAS ENTREMEADAS	40
3.1. AQUARELAS DE SERTÃO: CORES FEMININAS	40
3.2. PROSAS SOBRE A VIDA: ARTES DE SI EM (RE)CONSTRUÇÃO	43
3.3. REGISTRANDO EM PIXELS: SERTÃO EM CONTRASTE E SATURAÇÃO NATURAIS	46
4. PRIMEIRAS SEMENTES: PREPARAR A TERRA E OBSERVAR O BROTAR - SEMENTES METODOLÓGICAS	52
4.1. DIÁLOGO, COLABORAÇÃO E CO AUTORIA: DESDOBRAMENTOS ÉTICOS	55
4.2. RESULTADOS EMERGENTES NOS/DOS A(R)TELIÊS: O QUE NARRAM AS MULHERES SERTANEJAS?	60
5 CRESCER: CULTIVAR O CAMPO POR MÃOS FEMININAS	63
5.1. ROSAS PARA AISLAN	64
5.2. OS VOOS DE THAÍS	68
5.3. OS CAMINHOS DE ISABELA	70
5.4. O SOL BRILHA EM ANDREZA	72
5.5. AS FASES DE UMA MULHER NO SERTÃO: AS HISTÓRIAS DE LUCY E TANGERINA	74
5.6. AS DORES E AMORES DE ROSA E DONA ZEFA	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS - O CICLO SE RENOVA, O SERTÃO SEMPRE VOLTA A BROTAR	78
REFERÊNCIAS	80



Fotografia 1 - Caatinga revestida por folhagens verdes



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2022.

CONVITE

Convido a entrar nas veredas de um sertão feminino desenhado em estações. Não garanto que o caminho será sempre reto e sombreado, mas certamente afirmo que a diversidade do sertão faz cada passo valer a pena.





Fotografia 2 - Folha seca de juazeiro¹



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2021.

As folhas secas no chão podem representar o fim de um ciclo, se forem tomados a partir de uma única perspectiva. Aqui, representam o começo. Não há nada que brote sem antes ter perdido suas folhas e sem estar em solo fértil e adubado.



¹ O juazeiro, também conhecido por joá, laranjeira-de-vaqueiro, juá-fruta, juá e juá-espinho, é uma árvore típica do Semiárido brasileiro. Seus frutos, do tamanho de uma cereja, são comestíveis e utilizados para fazer geleias, além de possuírem uma casca rica em saponina.



EPÍGRAFE DE TRANSIÇÃO (DE ESCRITA) - UM ANO DEPOIS, NOVAS FOLHAS VOLTAM A CAIR NESTAS PÁGINAS

Fotografia 3 - Umbuzeiro sem folhas



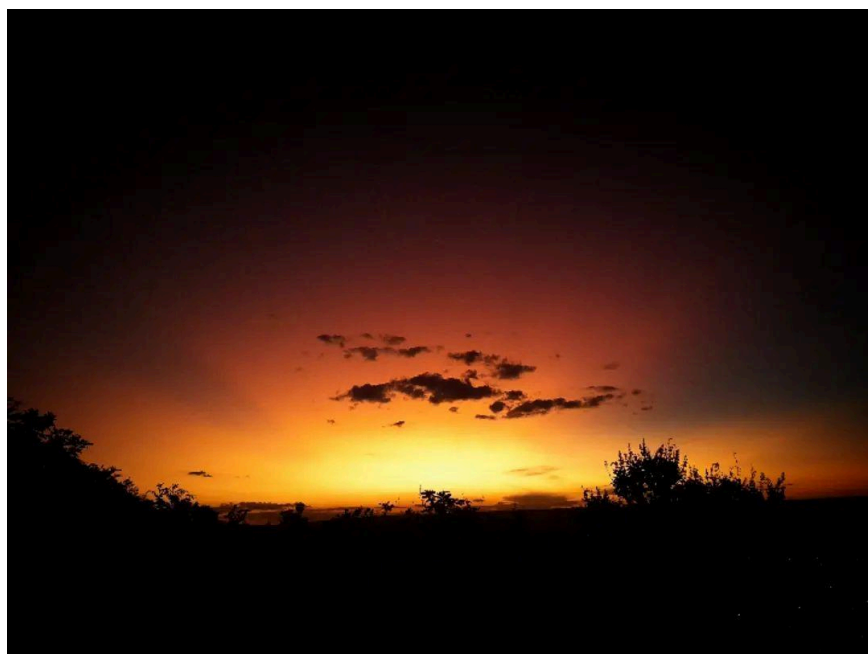
Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2016.

Havia em mim algo diferente. Algo que eu sentia no sertão todos os anos, mas que nunca consegui compreender. Agora estava em mim, atravessado em mim como pontos demarcados em um mapa *mundi* usado frequentemente, pulsante em mim como as veias após a subida da mais alta das ladeiras ao meio-dia. Eu comecei essa pesquisa identificando-me com o sertão verde, dos brotos, das flores novas com cheiro doce trazidas pelas primeiras águas. Sertão criança, sertão inocente, sertão “eu sozinha”, sertão “meu mundo e eu”.

Não sabia dizer do sertão espinhoso, daquele que rasga até mesmo a pele mais endurecida do réptil mais adaptado àquele lugar. Não sabia dizer por que o ignorava, até determinado ponto, na medida em que acreditava que falar sobre ele não me levaria a lugares confortáveis dessa pesquisa. Mas, sem que eu

percebesse, o sertão das primeiras águas se desmanchou diante dos meus olhos e um sol quente entorpeceu-me as vistas. O caminho não era mais verde, e o sertão criança agora era um sertão velho, cansado, cansado como eu. A estrada agora era de terra vermelha e quente e eu estava sem sandálias, acostumada com o frescor de outrora. Me queimei, fiz bolhas nos pés que ainda doem e tive que lidar com os espinhos que secaram e caíram pelo caminho. A água tornou-se escassa e eu tive sede muitas vezes. Agora eu, mais uma vez, o sertão e eu sozinhos, o sertão que era meu mundo - nós dois éramos diferentes agora. Ainda não choveu de novo, mas assim como minha vó sempre diz: “não hei de morrer nessa estrada”. A chuva há de chegar.

Fotografia 4 - Pôr-do-sol no sertão



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2022.

Após a qualificação, um broto novo ganhou tons de um verde fechado, transmutado de um sertão que pede calma após a primavera, ao anunciar que deixaria o restante das flores serem abraçadas pelo sol de um verão que se aproxima e que se funde a ela até que a paleta de cores sertaneja ganhe contornos terrosos. Eu, verde maduro, agora não caminhava mais sozinha, mas cercada de vozes femininas que, naquela tarde (dia da apresentação da qualificação), se fizeram sertanejas em comunhão comigo e com o que eu havia apresentado a elas. Cada uma delas, uma estrela na via láctea em meu caminho ou, mais

especificamente, no Caminho de Santiago² que minha vó me ensinou a ver nas noites escuras no sertão da minha infância. A lamparina³ e o lampião⁴ iluminando esse trajeto, protegendo-me dos açoites e das “livusias”⁵ noturnas, sorriram para mim em chamas amadurecidas pelo meu salto em um novo caminhar.

Seguindo por este novo caminho, saí em busca de respostas (inacabadas e provisórias, sim, como haveriam de ser, mas também necessárias para que nesse momento eu pudesse iniciar o fechamento de uma fase importante do ato de pesquisar na minha existência acadêmica). No processo, sempre em devir, de retratar as mulheres sertanejas através das suas histórias de vida (produzidas um pouquinho a cada dia) e das suas artes de si engendradas em narrativas orais, visuais e de mais uma série de sentidos, pude apurar o olhar no sentido da percepção do ressignificar da existência daquelas mulheres a cada movimento realizado no sentido de artear a si mesmas. As imagens produzidas por essas mulheres, habitantes do sertão margeado pelos muros da Universidade, sejam elas imagens reais ou simplesmente imaginadas pela memória de um passado que insiste em retornar ou pela expectativa do que ainda chegará para elas ou para aquelas que ainda virão, nos dizem de saberes múltiplos e diversos. Esses saberes, por vezes despercebido ou não considerado pela Academia, compõem, a partir das considerações dessa pesquisa, uma parte importante e considerável dos elementos formacionais que essas mulheres carregam em si e o transferem para suas vidas e cotidianos. Podemos dizer, então, da importância de considerar esses saberes advindos das histórias de vida e artes de si dessas mulheres sertanejas para a composição de perspectivas formacionais para a diversidade, visto que elas não se apartam desses para abrir espaços para os conhecimentos tidos e lidos como acadêmicos. Ao contrário, elas fazem na grande maioria das vezes uma junção poderosa dos dois, uma fusão que se desdobra em potências de vida e pesquisa

² Nome comum dado à Via Láctea em algumas regiões do sertão.

³ Refiro-me aqui à professora Ana Lúcia Gomes da Silva, ou pró Ana, como carinhosamente a chamo, como lamparina. De chama flamejante e sempre acesa, pró Ana está do meu lado nos amores e dores dessa pesquisa, me aquecendo quando o frio chega na solidão das madrugadas, iluminando o caminho na escuridão das passagens, sendo boas-vindas nas chegadas às margens. Sorte de quem tem uma lamparina para caminhar no sertão, leve e cheia de luz, ela vira parte de nós e se descobre em nós também.

⁴ Refiro-me aqui ao professor Antenor Rita Gomes como lampião. Com l minúsculo mesmo, aquele lampião que acendemos em casa quando queremos contar uma boa história, que levamos conosco naquela caminhada acompanhada das boas lembranças. Ter um lampião no sertão é nunca estar no escuro e no desaconchego, é sensação de chegar em casa.

⁵ Nome comum dado a fantasmas em algumas regiões do sertão.

dentro da Universidade (como é o caso da própria pesquisadora que apresenta este trabalho).

Algo em mim começou a mudar. Como uma esmeralda em terras sertanejas mais verdes, encontrei as primeiras dificuldades em lapidar minhas ideias na pesquisa. Ética lapidada em mim mesma, para poder encontrar as outras, de mim, das minhas. Sentei à beira do caminho e esperei que me dissessem se eu poderia atravessar para o outro lado daquele sertão onde eu as encontraria. Refleti, nesse espaço de tempo, que não se lapida uma esmeralda sem cuidado, sem avaliar a sua fragilidade, sem entender de que tipo de solo ela se originou, sem levar em consideração a sua densidade, o seu tamanho. Não se lapida uma esmeralda com a mão pesada. Lapida-se uma esmeralda com mãos leves, dispositivos adequados e principalmente, com todo cuidado que ela precisa receber para que se revele em brilho e beleza. Do mesmo modo, não se lapida uma pesquisa sem cuidado com o que ela tem para nos mostrar, com quem se propõe a construí-la colaborativamente em várias mãos, com as histórias que a cercam. Aprendi a lapidar a esmeralda da pesquisa, recebi a autorização para atravessar⁶. O verde maduro ganhava sinais de mudança, o amarelo despontava das suas extremidades.

Ao me encontrar, nesse novo caminhar da pesquisa, com as diversas mulheres sertanejas que aceitaram me contar as suas histórias, deixei o verde para trás - adentrei em nova estação. Não pude resistir aos afetamentos delas em mim, não pude negar-me o direito de sorrir com elas, de chorar com elas, de imaginar com elas o cenário que as palavras saídas da boca desenhavam, não pude resistir a contar minhas histórias também. Tantos territórios, tantos encontros e desencontros, passagens nos mesmos lugares, mas em tempos diferentes.

O outono estava chegando a essa pesquisa. E eu sentia que deveria ser assim. A cada A(r)telê de pesquisa realizado, a cada cotidiano de mulher sertaneja vivenciado em suas imagens e histórias de vida, uma folha a mais caía no chão metodológico que eu estava pisando, transformando-o em algo novo e vivo. A pesquisa-vida-viva-formação adubada pelas suas próprias folhas se preparava para tornar-se algo novo, algo diferente e em potências frutíferas de ser.

⁶Mesmo com autorização suscitada desde as provocações de Docência e Diversidade na escrita autoral, aqui refiro-me à autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da Bahia, com protocolos éticos que transcendem à Resolução 510/2016 para ida a campo, com parecer circunstanciado nº 5.693.056.

Havia em mim algo diferente. Assim como a folha do umbuzeiro amadurece até o tom do mais vívido amarelo até cair totalmente, eu também amadureci. Sou mais sertão do que pensei que fosse. Atravessada conscientemente pelos seus encantos e desencantos nessa pesquisa, em dois anos fui um ciclo inteiro do sertão. Fui umbuzeiro em flor, em folhas, em frutos, agora deixo-me amadurecer. Deixo que minhas folhas se preparem para cair. Deixo que um ciclo se encerre, para voltar a esperar as primeiras águas e brotar novamente.





Fotografia 5 - Pés sobre pétalas de flores no sertão



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2019.

A seguir, trago um pouco de mim e de como essa pesquisa nasce e se desenvolve. Sou mulher sertaneja também, e sem as várias versões de mim que sobreviveram ao longo destes últimos dois anos, essas linhas não teriam sido escritas. A escrita para o mundo começa com a escrita de si, assim defendo a pesquisa narrativa de escrita (auto)biográfica por dela fazer parte como pesquisadora que narra a si. Com o entendimento de que sem nós, nada faz sentido para o além de nós. É preciso caminhar para si primeiro antes de arriscar-se a pisar em caminhos ainda desconhecidos.





1. CHEGUEI COM O SOL QUENTE - QUEBRAR A DOCE ILUSÃO DE UM BANHO DE CHUVA NO MÊS DE ABRIL - UMA INTRODUÇÃO

*“Não tenho medo de escuridão
Eu sou fogueira de São João
Trago no peito a oração de mainha
Bença” (Juliette, 2022)*

Como uma sariema⁷ perdida na curva da estrada de terra do caminho que leva à casa de minha vó, eu me sentia assim ao finalizar essa pesquisa. Assim como aquela sariema que eu gostava de observar quando criança e não conseguia entender o porquê do seu comportamento arredio e perdido, eu estava nesse momento da mesma forma. Mas mesmo sem saber ainda o que levou aquela pequena ave, que não sabe voar, a ficar tanto tempo parada naquela estrada, eu sabia o porquê de eu reproduzir o mesmo comportamento dela.

No fundo, não queria admitir, talvez, mas eu sabia. Dizer isso nesse texto pode parecer não adequado aos trâmites acadêmicos, mas assumo desde o início dessa pesquisa que pesquiso com afeto. Não haveria de ser de outra maneira. Sou afetada pelo sertão e suas cores, formas, cheiros, amores e dores desde o primeiro dia em que entrei neste Programa de Pós-Graduação e esse trabalho só foi possível por causa disso. Pesquiso com afeto às mulheres sertanejas que me acompanham/acompanharam, ao sertão que me acolhe, a mim mesma que com coragem desdobro os meus dias.

Perdi muita coisa no último ano, não percebi que as folhas do umbuzeiro estavam amadurecendo e caíam sobre mim, comigo. Perdi muita coisa, perdi afetos sertanejos que me fizeram forte durante meus 28 anos, perdi o silêncio que

⁷ Também conhecida como “siriema”, ave típica do Cerrado brasileiro, pode chegar até 90 centímetros de comprimento (da ponta do bico até o fim da cauda) e pesar em média 1,4 kg.

eu mais amava escutar e não pude me despedir dele. Parte do meu sertão não vai mais brotar quando as primeiras águas caírem e não sei como eu brotarei sem ele. Mas as primeiras águas sempre caem e um dia a sariema se foi e eu também precisei voltar. Sem me despedir. Mas precisei voltar. Esperava um banho fresco de chuva ao final dessa pesquisa, mas o sol ainda queima o meu rosto. “Ainda não é tempo de chuva certa, lane” - meu pai me disse ao telefone. Então, hoje, “eu quase não falo, eu quase não sei de nada, sou como rês desgarrada, nessa multidão boiada caminhando a esmo”⁸ enquanto espero que meu coração enfim se assossegue porque “esse amor renascerá, vai-se um dia, mas vem outro”⁹... Enquanto isso, essa pesquisa me enche de uma chuva boa, que não caiu do céu, mas me fez pulsar de esperança, vida e renascença pelas artes do sertão pelas muitas mãos das mulheres que as fazem todos os dias e das mais variadas formas.

Essa pesquisa foi realizada na Universidade do Estado da Bahia, campus IV, na cidade de Jacobina e tem como objetivo principal (re)conhecer as mulheres sertanejas através de suas imagens, histórias de vida e artes de si, a fim de fortalecer perspectivas formacionais para a diversidade. O estudo do tema se apresenta como relevante, atual e como uma ação de justiça social, haja vista que nos espaços acadêmicos ainda permeiam a estereotipação de determinados grupos sociais (a exemplo do povo negro, das mulheres, do povo indígena, cigano e neste caso, do povo sertanejo).

Quando se fala em representação de mulheres sertanejas, no caso específico deste estudo, a imagem primeira e recorrente é aquela de uma figura feminina de porte físico magro, de vestido de chita, chinelo de couro nos pés e com uma lata d'água na cabeça sob um sol escaldante. De antemão, deixa-se claro que não existe problema nesta representação em si, mas sim no esgotamento dela em si mesma.

Desse modo, reforçamos a relevância dessa pesquisa pois a mesma investiga as temáticas de gênero em sua articulação com o campo da educação com ênfase nas mulheres sertanejas que tiveram acesso à Universidade e que com seus marcadores de gênero e de sertão, demonstram através de suas histórias de vida e artes de si, potencialidades inventivas que rasuram as características

⁸ Ouça a música “Lamento Sertanejo” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8h9v1kVpffw>

⁹ Ouça a música “Nem se Despediu de Mim” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vv7CeUGj0Nk>

limitantes e assim contribuem para desestereotipar as velhas representações da lata d'água na cabeça.

Percebe-se, nesse ínterim, a importância do tema ao levar a pesquisa a perguntar como as imagens (representações imediatas ou construídas contextualmente) podem ressignificar as histórias de vida e artes de si das mulheres sertanejas na composição de perspectivas formacionais para a diversidade. Objetivamos, pois, evidenciar o cotidiano das mulheres sertanejas a partir de suas imagens-fotografias ora imagens e suas histórias de vida a fim de (des)velar as suas potencialidades, analisando as imagens e narrativas de vida das mulheres sertanejas de modo a proporcionar o fortalecimento de perspectivas formacionais para a diversidade. Realizamos os A(r)telês de pesquisa, como espaço de formação colaborativa, com as mulheres sertanejas participantes da pesquisa a fim de impulsionar o (re)nascimento das artes de si destas mulheres e consequentemente das perspectivas formacionais delas advindas (como será apresentado adiante).

Para atingir o objetivo deste texto, a pesquisa utilizou os conceitos-chave transversalizantes de gênero, mulheres sertanejas e sertões/sertanidades trabalhados na perspectiva de CUNHA (2016), MOREIRA (2018), ROCHA (2016), VASCONCELOS (2019). Tais conceitos foram debatidos desde a revisão sistemática realizada durante o ano de 2021 a qual demonstrou e corroborou com a importância e relevância da temática para a área das pesquisas em educação e gênero pelas seguintes razões a saber.

Apontou como estão os estudos sobre o reconhecimento das mulheres sertanejas através de suas imagens, histórias de vida e artes de si. Pôde-se perceber que existem pesquisas que tratam destes temas de maneira isolada ou em conjunto com outras temáticas, como discursos, obras literárias e comunidades quilombolas. Assim, demonstra a relevância de uma pesquisa que trate do reconhecimento das mulheres sertanejas utilizando-se desses três aspectos em um único trabalho: imagens, histórias de vida e artes de si. Este estudo avança em relação aos demais haja vista que propõe, partindo das artistagens de si entrelaçadas nas narrativas visuais, desenvolver em potência os devires femininos das mulheres sertanejas.

Metodologicamente adotamos a pesquisa narrativa tomando a experiência como investigação, apresentando a narrativa tanto como a “qualidade que estrutura

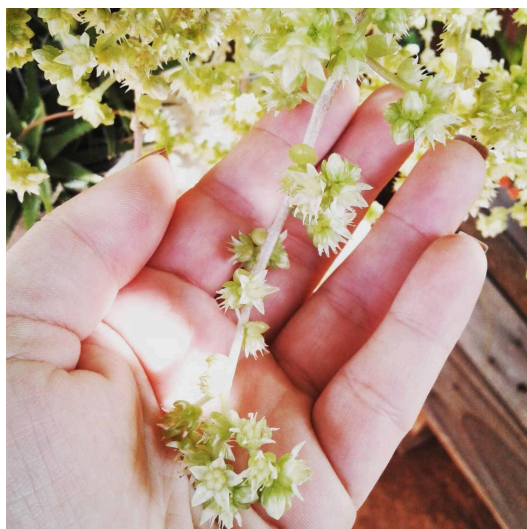
a experiência a ser estudada, como, também, o nome dos padrões de investigação que vão ser utilizados neste estudo” (CONNELLY e CLANDININ, 2011, p. 32).

Como dispositivo de construção dos dados foram utilizados os A(r)telíes de pesquisa e diários de bordo/escuta como planejamento projetivo e interventivo para o campo com as colaboradoras. Para a análise dos dados utilizou-se o próprio método narrativo como procedimento analítico interpretativo considerando as escritas autobiográficas dos sujeitos e da própria pesquisadora.





Fotografia 6 - Flores de umbuzeiro



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2018.

Ah, se o mundo pudesse me ver agora
Com os olhos de outrora que de mim se apenaram
Vissem minhas flores, meu perfume exalar
E então retornar para não mais ir embora...
(Carta de um umbuzeiro em flor antes do verão - lane Rocha)





2. AS PRIMEIRAS ÁGUAS

Quando se explode em vida no sertão,
 É necessário ter paciência.
 Fiquei no solo seco esperando mais de ano.
 A chuva não vinha.
 Eu escutava os ventos que iam e voltavam, aprendi a ouvi-los.
 Experientes, me diziam que a chuva chegaria na hora certa.
 A terra mesmo seca, me protegia.
 Um dia choveu, nem sei se estava preparada.
 Mas só me restava explodir, a força com que aquelas águas me atingiam era grande demais.
 Explodi em vida: raízes, folhas, conheci o sol.
 Ficou fácil agora? Não.
 O sol é quente e a chuva não me visita com frequência.
 Mas aprendi a ter paciência.
 De galho em galho.
 De raiz em raiz.
 De pólen em pólen.
 De chuva em chuva.
 De besouro em besouro.
 Fiz rizoma.
 Flori.
 Dei frutos, potências de mim que querem explodir em outros lugares.
 Outros territórios.
 Eu vou, mas também fico.
 Sou nova em mim.
 Pronta para renascer.
 (lane Rocha, 2021)
 Renasço novamente.
 Quase fênix.
 Mas gavião atento no alto da aroeira.
 Renasço.
 Volto, mas não fico.

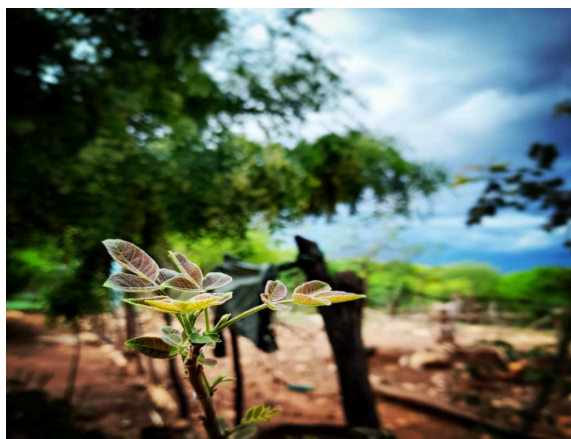
*A vida me chama.
Necessito voar.
O sertão é meu grande barco, sua terra vermelha é meu mar.
Aqui eu sei nadar, aqui não me afogo.
Esperarei a chuva enquanto navego.
A chuva sempre volta.
E eu renasço. Me renovo.*
(lane Rocha, 2023)

Fotografia 7 - “Vem...”



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2021.

Fotografia 8 - “Das minhas gigantes favoritas da caatinga: aroeira”



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2021.

O primeiro poema é um chamado à escrita, pois convida para a explosão da vida no sertão e das potencialidades que este brotar desperta. “Auscultar” a

trovoada de setembro, e sim, chamaremos de “auscultar” - primeira escuta que é certamente feita através do coração do povo sertanejo - pois é sinônimo de renascença, de levantar-se e agradecer, pois, uma nova aquarela está para ser pintada no sertão. Tons de verde/vida refletidos nas novas águas fazem a terra florir. É como um grande casulo que se abre e diz “vai sertão, tens que ir, um novo milagre nasceu”¹⁰. E ele, que também sou eu, voou e vou.

A fotografia 7, que acompanha o poema, diz sobre o movimento posterior à abertura do casulo que guarda as potencialidades de um sertão que acabou de receber as primeiras águas. A mão estendida leva ou recebe o fruto (para/da terra) num fluxo contínuo de reciprocidade que desemboca na ideia de junção, de unidade entre o sertão mato/terra/água e o ser humano que o habita. A terra chama, diz “vem” num ir e vir marcado pelos devires contínuos do tempo.

O segundo poema, por sua vez, demonstra o retorno a esta escrita, mais um convite para olhar o sertão com os mesmos olhos, mas agora sob novas lentes. O movimento de renascer no sertão acontece com a recorrência da mudança das estações do ano. Não é possível para o sertão, diante da sua sobrevivência, manter-se verde o ano inteiro. É necessário, em determinado momento, “morrer” para depois ter forças e retornar novamente para o milagre da terra que sempre chega quando a chuva volta a cair.

Mas o sertão não espera parado, ele se movimenta, ele navega por entre as suas próprias veredas, através dos ventos, das folhas secas que cobrem o chão, do estalar dos galhos sem folhas, do voar plano do gavião que faz sombras perfeitas sobre um chão limpo. No galho mais alto da aroeira, o gavião descansa. É possível vê-lo até as chuvas chegarem. Logo após, vai se escondendo através do verde que brota que transforma o oceano vermelho em um mar de águas novas (fotografia 8).

As primeiras águas que caem nessas linhas são as águas das memórias de um sertão já distante, aquelas que eu via sentada debaixo da máquina de costura de minha avó paterna, da porta com fechadura de tramela¹¹ que até hoje ainda protege a entrada da cozinha da minha avó materna ou da mureta da casa da minha

¹⁰ Inevitavelmente lembro-me da canção “dos oruguitas” que faz parte da trilha sonora do filme Encanto (Disney, 2022): “Ay, mariposas, no se aguanten más/Hay que crecer aparte y volver/Hacia adelante seguirás/Ya son milagros, rompiendo crisálidas/Hay que volar, hay que encontrar/Su propio futuro”. Disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=eF2Oha8R71w&feature=share>

¹¹ Adereço utilizado para fechar portas.

bisavó. São águas de setembro, das artes de floração dos umbuzeiros, das florações de mim.

Para navegar nas primeiras águas que caem no sertão, é preciso estar disposta/o a se molhar por inteiro. As chuvas de setembro lavam as telhas e as biqueiras¹² das cisternas, retiram a poeira das árvores maiores, “apagam o pó dos terreiros”¹³, fazem brotar as primeiras sementes. Para perceber de fato todos estes acontecimentos, não basta ser do sertão; é preciso estar sendo do sertão, criando junto com ele uma nova estação verde para vir a ser orvalho novamente.

Esse sertão distante, presente nestas primeiras águas, nos levarão às minhas memórias retentivas¹⁴, aos espaços onde a maioria dos citados/as não podem mais falar por si só, pois já foram levados/as e desaguaram no mar que nunca antes conheceram. Ficaram para mim suas histórias de vida, suas artes ainda presentes nos meus costumes e no mover das minhas mãos e dos meus lábios, suas imagens de binóculo ou já amareladas pelo tempo nos álbuns e gavetas.

Fazendo reverência às águas de meus antepassados homens, ladeio as suas histórias e marcas em mim nestas curtas linhas. A resistência e sabedoria deles me faz pensar que eram/são unos com o sertão, fundidos nas linhas do tempo abertas no chão e nas suas faces: um bisavô vaqueiro que lutou, cabeça por cabeça de gado, por entre os espinhos da caatinga de maio, até ter a sua cadeira na sombra do alpendre¹⁵ de casa (“*eu quero ser um ‘véi’ que nem vovô*”¹⁶); um outro bisavô tido como um dos homens mais inteligentes das bandas da Canabrava¹⁷, criou uma versão famosa do carote¹⁸, da melhor torradeira de farinha e das técnicas de enformar rapadura; um avô leitor que me fazia “catar” todas as revistas que encontrava no “leia e leve” da Universidade e trazer para ele ler e depois me contar “tintim por tintim”, me fez ter coragem para seguir os (des)caminhos dos livros; e o que ainda me brinda com sua presença acima deste chão, um avô que me diz que o

¹² Objeto que capta água da chuva direcionando-a para a cisterna.

¹³ Ato de acabar com a poeira dos quintais assim que caem as primeiras chuvas.

¹⁴ Tomamos a concepção de memória retentiva como “aquela com a qual trabalhamos mais corriqueiramente, é a memória dos saberes e dos fatos. Trata-se da recuperação de dados armazenados em cadeias de conexões lineares de remessa”. (PEREIRA, 2016, p. 68)

¹⁵ Área externa da casa.

¹⁶ Ouça a música “Que nem vovô” disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=6mDQmMKZfC4&feature=share>

¹⁷ Como a cidade de Uibaí - BA era chamada antes da emancipação em 1961.

¹⁸ Recipiente onde se armazenava água fresca.

lugar de escuta de um sertanejo revela o mais alto dos cânticos de sabedoria¹⁹. As artes deles também fazem de mim a mulher sertaneja que sou, em devir.

Assim como tantas outras mulheres sertanejas antes de mim, peço licença. A licença que eu ouvia e ainda ouço dessas mulheres é uma licença rodeada de educação e cerimônia, mas ainda assim, carregada de incertezas e traços de uma fragilidade desenhada por outras vozes que não as delas: licença para dizer nas missas e novenas, licença para entrar em casas maiores e “da cidade”, licença para comercializar os valiosos alimentos produzidos pelas suas mãos “refinadas” de iguarias, tudo precisava de uma licença que me parecia ladeada de autorizações desnecessárias. Hoje percebo que não. Não eram autorizações que elas buscavam, era um espaço de plena escuta e atenção às suas vozes e ao que elas traziam. Aqui eu também peço licença, para falar em primeira pessoa sobre mim, das minhas narrativas e do sertão onde habito.

Nasci na cidade de Uibaí-BA, território de Irecê-BA, pé de serra bonito, uma serra azul que eu me acostumei a ver por detrás dos itapicurus sempre que acordava. Via assim, de mais longe, porque nasci na roça, em uma pequena comunidade rural chamada Quixabeira que traçaria todos os meus caminhos através da sua terra vermelha e quente, das suas mulheres fortes que me ensinaram a lutar mesmo quando a caatinga perde as suas folhas e que gestam nos seus cotidianos as nossas primeiras formações, a nossa primeira percepção ainda que inconsciente de cidadania e respeito, nos ensinam sobre educação e diversidade humana intrínseca a cada sujeito.

Essas mulheres abriram, e até hoje abrem, os caminhos por onde os meus pés desde pequenos vão deixando rastros. Rastros em um chão vermelho, grudento nos períodos de chuva, duro e rachado ao secar e de terra fofa no grande período de seca. Um chão sábio, que sabe se adaptar às incessantes e inevitáveis passagens do tempo, que resiste às intempéries dos meses de seca, que sustenta as raízes daquelas árvores que assim como as mulheres do sertão se negam a esmaecer. Um chão de resistência, não uma terra arrasada.

¹⁹ Perdi meu avô em novembro do ano passado. Não consegui me despedir dele. Não consegui escutar pela última vez o seu silêncio. Uma aroeira despencou no sertão da minha vida, mais uma. O sertão às vezes dói, dói a alma. E a dor da alma, a caatinga não cura. Tenho medo de perder a minha história pelas veredas do sertão e tenho medo de que outras como eu também a percam. Por isso, pesquiso. Ao senhor, vô.

Desde pequena eu também danço a dança do tempo juntamente com este chão sertanejo. Minha história de vida até aqui foi arada em suas entranhas, numa história cheia de estar, de ir, de retornar, de levar consigo. Mas este mesmo sertão, pelas mãos das suas matriarcas, me disse para ir embora, tirar a terra dos sapatos e procurar um lugar melhor. Os devires de potência dessas mulheres, presos pelas garras resquiciosas de um colonialismo cruel que ainda deixa as suas marcas, não conseguiriam me fazer ficar nesta terra por muito tempo. E lá pelos meus 12 anos, surgiram as primeiras diferenças em mim, sufocando as diversidades e cores sertanejas que eu carregava.

Ir à escola na cidade era difícil. Começa a minha andança na educação do sertão visando ser projetada para fora dele. Mas a merenda²⁰ que eu levava na bolsa eram as brevidades²¹ da minha mãe. A calça que me protegia do ar frio do início das manhãs era costurada pela minha avó paterna e levava os cordéis da minha avó materna para ler no intervalo. Eram subjetividades vivas em mim e nas histórias de vida e artes daquelas mulheres que me cercavam de sertão.

Esta pesquisa entende por subjetividades/produção de subjetividades as singularidades das sujeitas (mulheres sertanejas) no saber-fazer das suas artistagens num movimento de não confinar e nem estereotipar as mulheres sertanejas. Partimos, então, do pressuposto de que o mundo, os objetos que nele existem, os sujeitos que nele habitam e suas práticas sociais são produzidas historicamente, não tendo, portanto, uma existência em si, coisas já dadas, essência ou natureza.

Somos solicitados/as, de acordo com Guattari e Rolnik (2000), “o tempo todo e de todos os lados a investir a poderosa fábrica de subjetividade serializada, produtora destes homens e mulheres que somos. [...] Muitas vezes não há outra saída. [...] Corremos o risco de sermos confinados quando ousamos criar quaisquer territórios singulares, independentes das serializações subjetivas” (p.12) Ainda segundo eles: “O sujeito, segundo toda uma tradição da filosofia e das ciências humanas, é algo que encontramos como um ‘être-là’, algo do domínio de uma suposta natureza humana. [...] O termo ‘singularização’ é usado por Guattari para designar os processos de ruptura com o modo de produção da subjetividade capitalística. Guattari chama a atenção para a importância política de tais

²⁰ Refeição consumida pelos/as estudantes entre as aulas (intervalo).

²¹ Bolinho doce feito com tapioca, ovos e rapadura.

processos, entre os quais se situariam os movimentos sociais, as minorias – enfim, os desvios de toda a espécie. Guattari utiliza também outros termos, como revoluções moleculares, minorização ou autonomização. Segundo ele: “É um devir diferencial que recusa a subjetivação capitalística” (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 29).

Mas mesmo assim, aos 16 anos, eu cumpri o meu destino de abandonar o sertão que me gestou, levando dele quase nada, apesar de ele ter me oferecido o mundo para colocar na mala²². Deixei as histórias, as artes, as cores daquele sertão para trás e também deixei as mulheres que me ensinaram a ser forte como ele. Por muito tempo, ao mudar somente de sertão e nem perceber, não me lembrava das primeiras águas. Até que elas vieram até mim e caíram dos meus olhos, frias como o ar frio do início das manhãs que não mais seria aquecido pelas calças que a minha avó paterna costurava para mim. Água que desaguou no mar e levou consigo tantas histórias, tantas artes, tantos sertões. Era o chamado de um sertão-mãe e eu tinha que voltar. Era num movimento de rasgar-me, de reinventar-me e reinventar o que eu e tantas outras estávamos deixando passar alheios a nós. Mas o sertão “quase não fala”, então como fazer com que ele diga de si, das suas histórias de vida e das artes que o fazem? Através do que podemos ver e sentir, e é a partir desse ponto, que narro a história desce açude.²³

A imagem a seguir mostra dois mandacarus altos em meio a um sertão verde sob um céu azul no quintal da minha avó materna. Quando fiz esse registro fotográfico, lembrei-me justamente do dia em que deixei este sertão para trás aos 16 anos. Era final de setembro. Hoje, retorno novamente nas trovoadas deste mês e com os pés em experiências caminhantes, me reconheço neles como nunca antes havia feito. Sei que não preciso ficar para ser, estou em devir constante de transformações e, como diz a canção da Banda Mais Bonita da Cidade (Terminei Indo) e que compõe a legenda da imagem: “antes de bater o vento, eu já pensava em voar²⁴”.

²² “E coube tudo na malinha de mão do meu coração”... Liniker, na sua canção intitulada “Zero” traz esta frase associando-a ao saber tudo, “até o que era mais normal de nós”. Toda a minha escrita aqui também cabe na malinha de mão do meu coração, com o afeto e as dores que a atravessam, “a gente fica mordido, não fica?”... Ouça a música “Zero” disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=wV13Ly4p9Hk&feature=share>

²³ Reservatório de água criado pela população para amenizar os efeitos nocivos da seca.

²⁴ Ouça a música “Terminei indo” disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=ohb7JlftGzo&feature=share>

Fotografia 9 - “Antes de bater o vento, eu já pensava em voar”



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2021.

2.1. CHEIRO DE TERRA MOLHADA

Pouco tempo depois da minha colação de grau no curso de Bacharelado em Direito, eu já tinha em mente a ideia de trabalhar de algum modo com a temática do sertão: em um projeto, em uma pós-graduação, em um livro de crônicas... iria fazer um movimento de retorno e de assumir meu lugar de sertaneja e de mostrar a potência das histórias desse lugar para o mundo. Mas antes disso, eu tinha um ponto importante da minha trajetória para afirmar no mapa que vinha fazendo na minha existência: eu não ocuparia um lugar dentre as quatro paredes de um escritório de advocacia.

No transcorrer do curso de Direito, eu me vi cada vez mais próxima das licenciaturas do Departamento de Ciências Humanas do Campus IV da UNEB e percebendo em mim traços de professoralidade. Abandonei o estágio em um escritório de advocacia e me candidatei a uma vaga de estágio na biblioteca do Departamento. Consegui a vaga e com isso, abri largos atalhos de professoralidade em mim e nas minhas experimentações. Ali descobri que queria trabalhar e me dedicar à educação e suas nuances, queria ser professora também.

A concepção do termo professoralidade chegou até mim no primeiro semestre do Mestrado através da indicação do livro “*Estética da Professoralidade*” (2016) do professor Marcos Villela Pereira pelo componente Docência e

Diversidade²⁵. Pereira (2016), num primeiro momento, informa uma questão base para adentrar-se nas ideias que compõem o conceito de professoralidade: “considerar que somos humanos trabalhando com a formação profissional de outros humanos que, por sua vez, trabalharão com a formação geral de outros humanos” (2016, p.47). Desse modo, entende-se a importância de pensar os caminhos da professoralidade partindo da perspectiva da humana formação individual e coletiva.

Neste processual de argumentos, Pereira (2016) afirma que não se nasce professor/a ou mesmo com vocação para tal e sim que [...] “o professor é um modo de ser de um sujeito que, tendo vivido um dado quadro existencial, se põe como sujeito educante, que educa, que forma outros sujeitos. É uma diferença de si que ele acolhe” (2016, p.50). E sendo, pois, uma diferença em si, torna-se uma marca, “um estado, uma diferença produzida na superfície de sua subjetividade que contamina suas formas de ser” (Pereira, 2016 apud Rolnik, 1993). Pereira (2016) chama essa marca de professoralidade.

Mas no momento em que eu terminei o curso de Direito, tinha que tomar uma decisão difícil: eu não tinha saído tão jovem do sertão e com tanta dificuldade para fazer universidade de Direito para não me tornar uma “doutora” advogada. Ou teria? Acho que foi a decisão mais corajosa que já tomei na vida. Ao invés de dar entrada na minha carteira da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), eu fui para a fila do processo seletivo para vaga de Técnico Administrativo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Notícia feliz: deu certo e estou lá até hoje.

Fiquei lotada no Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPE). Fui monitora de extensão durante dois anos na graduação e foi esta experiência que em um primeiro momento me apresentou as tantas outras possibilidades que o curso de Direito oferecia: podia ir para a comunidade, produzir com ela, compartilhar e construir conhecimentos junto com ela. Encontro-me em um lugar de educadora na extensão, cada projeto que acompanho e desenvolvo no NUPE me faz crescer e me fortalece. Estou há quase quatro anos no NUPE e tem sido uma das experiências mais valiosas da minha carreira. Trabalhar com a extensão é dizer da comunidade que acolhe a universidade e a mostra o seu mundo, é ser desafiada pelos mais variados projetos e pelas mais variadas ideias, é ter a sala cheia sempre, é viver a diversidade! Trabalhar com a pesquisa, é ser quase subversiva, é acompanhar

²⁵ Disciplina ministrada pelas professoras Ana Lúcia Gomes da Silva e Juliana Cristina Salvadori no semestre 2021.1 do curso de Mestrado.

projetos que lutam diariamente contra a falta de verba, a redução de bolsas, a falta de estrutura, é ser corajosa! É ser uma educadora em muitas frentes e em muitas batalhas.

Ao ter um contato mais íntimo com a pesquisa nos devires profissionais no NUPE e ao estar, agora, firme na minha decisão de me dedicar à educação, voltei ao meu desejo de “labutar” novamente com o sertão. Neste momento, já tinha me tornado uma amante da fotografia amadora e começava a dar os meus primeiros passos na construção de um instagram com séries fotográficas inteiras dedicadas às sertanidades. As sertanidades que registrava com a simples câmera do meu celular *Samsung* começaram a ganhar espaço nas minhas redes sociais e a ser uma das minhas maiores marcas de personalidade²⁶.

A primeira vez que me deparei com o termo sertanidade foi ao ler um texto da professora Cláudia Vasconcelos chamado “Ser-tão baiano: a baianidade e a sertanidade no jogo identitário da cultura baiana” (2008) e desde então ela faz parte dos meus cotidianos pessoal, profissional e acadêmico. Mas tanto no referido texto, quanto em outros escritos diversos e em diversas páginas na internet encontradas por mim ao longo do caminho, bem como em alguns discursos, eu percebia que a palavra sertanidade aparecia como uma simples adjetivação para o “modo de ser e de viver no sertão” e como isso era mostrado para o exterior deste espaço.

O conceito de sertanidade que pretendo desenvolver nesta pesquisa pretende ir além do adjetivar os modos de ser e de viver das mulheres no sertão, e desse modo, tomo para mim a produção da ampliação deste conceito que merece ser, a cada pesquisa que pretenda debruçar-se sobre ele, reelaborado com cuidado e dedicação.

Sertanidades, neste trabalho utilizado no plural por entender que o termo se refere em primeiro lugar às diversidades plurais e heterogêneas existentes no território de sertão, refere-se não somente às características visíveis e palpáveis dos fazeres e viveres sertanejos femininos, mas também ao modo como eles são constituídos a partir das suas subjetividades (potentes e coloridas subjetividades). Há que se pensar em sertanidades como algo intrinsecamente ligado, deste modo, ao conceito de dobra encontrado em Deleuze (2007): na explosão que ocorre no dentro das subjetividades femininas sertanejas com o exterior transmutado por elas

²⁶ Link para acessar a minha rede social *Instagram*: https://www.instagram.com/_janerocha/

a partir dessas subjetividades, nascem dobras riquíssimas em diversidades plurais. São elas que chamarei aqui de sertanidades e levarei adiante nesta pesquisa.

Surgiu então uma necessidade de saber mais sobre estas imagens imersas em sertanidades, o que elas poderiam em termos de potencialidades de pesquisa. E então, finalmente, eu encontrei coragem para entrar na sala do Grupo de Pesquisa em Cultura Visual, Educação e Linguagens (Cult-vi) do Departamento e manifestar o meu interesse em fazer parte das reuniões e estudos. Mais uma decisão acertada. As discussões sobre imagens me arrebataram e eu comecei a pensar que eu, mesmo bacharela, mesmo cambaleante dos caminhos da professoralidade, poderia arriscar-me em um projeto de pesquisa que envolvesse sertão, imagens e educação. Mas ainda faltava alguma coisa.

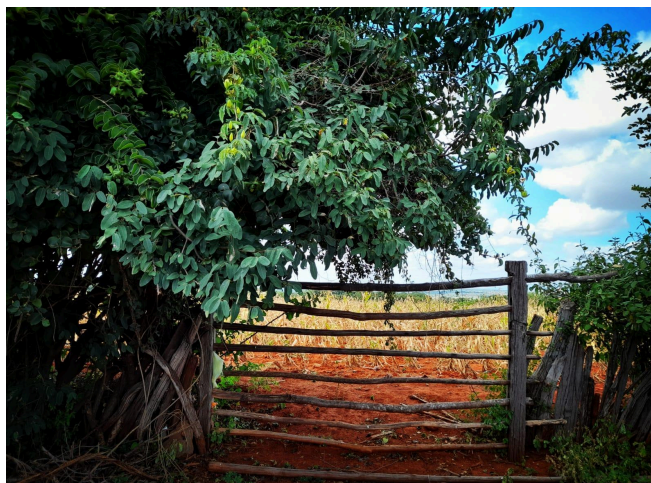
Sempre que me encontro em uma situação de pausa, esperando que algo chegue ou venha a acontecer, remeto-me à imagem de uma porteira (fotografia abaixo). Na minha infância, quando a plantação já estava grande demais para que crianças se aventurassem na roça, tinha que ficar esperando na porteira o momento certo de atravessar e seguir o caminho. A que está representada na fotografia a seguir muito já me viu sob a sombra do pé de mucunã²⁷ que a cerca, pendurada em seus passadores²⁸, observando as abelhas do pé de maracujá e admirando as flores do quiabento²⁹. O sertão me abraçando enquanto o agora pedia para esperar.

²⁷A semente Olho de Boi, de nome científico *Mucuna pruriens*, é originária de uma planta tropical nativa da África. É conhecida no meio religioso por trazer sorte, proteção e ter muito uso em guias, brajás e diversos artesanatos. (Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Olho_de_boi)

²⁸ Cada pau/madeira que forma a porteira.

²⁹ O quiabento é uma arvoreta da família das cactáceas (*Pereskia Zehntneri*), perene e muito comum na Bahia, e que se caracteriza pelo tronco fortemente aculeado e pelas folhas bem diferenciadas. (Disponível em: <http://www.plantasonya.com.br/arvores-e-palmeiras/quiabento-pereskia-zehntneri.html>)

Fotografia 10 - “Olhos de contemplação”



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2021.

2.2. CHOVEU

Meus passos naquela estrada
 Com a saudade deixavam
 Promessas de um dia voltar
 Logo é outra estação
 O tempo é um vagão
 Que nunca pode parar.³⁰
 (Santana O Cantador)

A pandemia de Covid-19³¹ chegou no ano de 2020 e com isso, retornei ao sertão de origem. A rotina do *home office* me permitiu voltar para casa, para o chão de terra vermelha do qual saí. Enquanto os centros urbanos silenciaram sob a

³⁰ Ouça a música “Riacho da saudade” disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=L-o1kGfv5i0&feature=share>

³¹ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um beta coronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbec Vírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo o homem, camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente os coronavírus de animais podem infectar pessoas e depois se espalhar entre seres humanos como já ocorreu com o MERS-CoV e o SARS-CoV-2. Até o momento, não foi definido o reservatório silvestre do SARS-CoV-2. (Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>)

tristeza implacável do vírus, o sertão continuou vibrando em cor, sons e cheiros. Passeando novamente em suas estações, percebo que ele não é mais aquele que deixei em 2012 quando fui para a Universidade. Ele continua acolhedor e desafiante, mas cheio de dobras da contemporaneidade, cheio de orgulho, cheio de coragem.

Este sertão agora já não é mais o mesmo. Ele, citando as palavras de Moreira (2018), nos apresenta [...] “cenários e paisagens que não se enquadram nas descrições clássicas sobre a região, baseadas na hegemonia do gado e da seca”. Um sertão onde a seca ainda é o grande desafio, mas que agora ao invés de tentar derrotá-la, aprende a conviver com ela com força e coragem. E também com mais cor, mais sons, mais vida, mais luz. O espaço sertanejo agora é repleto de ideias novas, de ebulição de acontecimentos e lutas pelas suas próprias vivências.

Por outro lado, também está recolhido em silêncio doloroso pelo momento difícil que o mundo está passando. Deste modo, há dois anos não ergue as suas bandeiras na praça no mês de junho, não vê a poeira levantar ao som da velha sanfona desde às 10h do dia de São João. Mesmo assim, oferece-me o alento necessário, pelas mãos daquelas que o faz mais bonito, mais colorido, mais cheiroso, mais saboroso. Era isso que faltava: elas faltavam, com suas histórias e suas artes.

Interessante observar que as dobras de contemporaneidade deixam através das mãos destas mulheres novas sertanidades. A casa ainda sem forro tem agora uma antena de sinal digital de TV no telhado. A tramela da porta contrasta com o reflexo da porta da geladeira. O tamborete de couro de bode abriga alguém que utiliza a rede social *Instagram* para saber quantos *likes* renderam aquela fotografia da velha casa de farinha. O agricultor segue para a roça com uma *JBL*³² no bolso tocando suas canções preferidas. O mandacaru agora está na caatinga, na decoração de casa e na estampa da camisa. Minha avó poderia postar fotos dos doces e mudas de plantas dela no *story* do *WhatsApp* que ela agora ama usar! Novas maneiras de bordar histórias de vida e artes de si num sertão híbrido de potencialidades!

Todas elas estão aqui, em mim e em todas as outras que encontro pelas porteiras que vou atravessando. Quando chove no sertão, tudo renasce e elas

³² Caixa de som.

brindam: tiram as colchas de retalho do guarda-roupa, mexem o tacho de doce de gergelim, semeiam o milho e as abóboras, quebram a rapadura, torram a farinha, ligam o *Spotify* ou *YouTube* num forró dos bons e preparam a melhor foto para o *Instagram*! Ah, eu e elas (todas as que vou encontrando nas veredas desse chão) no sertão contemporâneo, colorido, aromático e moderno. Choveu, deixa brotar. E se só pesquisamos de verdade sobre aquilo que nos afeta, citando aqui Gramsci, é justamente com os afetos que pretendo caminhar nesta pesquisa, cartografando cores, cheiros, artes, diversidades e aprendizagens da vida.

A expressão cartografando cores encontrou subsídios nas/o autor/as Silva, Xavier e Silva (2021) que entendem a cartografia como sendo da ordem das semioses, concatenando com as ideias dessa pesquisa na medida em que afirmam que a cartografia “semiotiza o mundo através das diversificadas linguagens, com narrativas plurais, artísticas, com instalações e performances que suscitam corpo-vida autoral na experimentação ancorada no real em que lançamos mão, trazemos às mãos, manipulamos matérias e coisas da pesquisa interventiva”.

Ainda pontilhando esse trilho do “afetar”, recordo-me que muitas vezes o ignorava por entender que ele atrapalhava o movimento do pesquisar, que para ser aceito na academia, precisava estar isento de afetos e puro em neutralidade. Hoje percebo, a despeito do quão destoante é esta ideia para as pesquisas contemporâneas, o quanto este movimento de afetação é importante na construção de pesquisas sólidas, implicadas e pautadas numa responsabilidade ética que antes de ser para o/a outro/a é para nós mesmas. Lazzarotto e Carvalho (2015), neste sentido, nos apontam que

Afetar denuncia que algo está acontecendo e que nosso saber é mínimo nesse acontecer. Sinaliza a força de expansão da vida e da atividade que podemos viver. A tensão se instala. O que se passa? Entre as variações de afetos vividos percebemos que algo convoca ao movimento de pesquisar. Vontade de encontro que se faz de uma esquina, de uma infração, de um conceito, de uma pergunta que insiste com sensações. Passagens ativas, não as percas. A expectativa de conhecer a priori esse viver nos afasta da intensidade que produz o movimento do afetar. Permita-se viver esse movimento, pois é precisamente na experiência desse percurso do afetar que a pesquisa acontece. (LAZZAROTTO; CARVALHO; 2015 p.23)

Acima, quando falo nas colchas de retalhos retiradas do guarda-roupa pelas mulheres sertanejas após as chuvas, me vejo diante da grande colcha de retalhos em que também se desdobra o sertão. Apesar da aparente constância, por

exemplo, dos mandacarus, podemos perceber ao apurar o olhar, que cada um deles possui uma marca própria, brotada na sua diferença. Cada espinho/galho/retalho é único e forma uma poderosa colcha de cores e aromas.

Fotografia 11 - “Cada um com seu detalhe”



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2021.

Essa colcha de retalhos colorida não está sendo feita por apenas um par de mãos, mas sim, no entrelaçar de vários dedos em movimentos de artistagens diversas. Pesquisadoras/es em várias Universidades pelo Brasil já se debruçaram nos estudos sobre as sertanidades, as artes de si, as histórias de vida e as imagens que as mulheres sertanejas produzem e compartilham em seus territórios. A seguir, iremos ao encontro destas teorias e em como elas contribuem para a fecundidade deste trabalho: uma bússola em todas as direções, girando na espiral potente de levar o sertão e toda a sua diversidade para as escritas acadêmicas.

A revisão sistemática feita para esta pesquisa aconteceu no recorte temporal de dez anos, sendo selecionadas como áreas do conhecimento “ciências humanas” e “multidisciplinar” e trazendo a “educação” como área de concentração. Adotou como método a pesquisa bibliográfica com ênfase na revisão sistemática. A questão que moveu a escrita da revisão sistemática foi: o que já foi proposto acerca do reconhecimento das mulheres sertanejas através de suas imagens, histórias de vida e artes de si? O objetivo foi identificar pesquisas que dialoguem sobre o reconhecimento de mulheres sertanejas através de suas imagens, histórias de vida e artes de si. Os resultados apontaram que a maior parte das publicações

encontradas está concentrada nos anos de 2015 e 2016 apontando que a pesquisa é relevante e tem lugar de destaque na academia.

O estudo revela entre os resultados já apontados, que a carência de temas com as dimensões articuladas neste estudo investigativo, implica conferir voz e sensibilidade na desconstrução das relações de poder e da invisibilidade das mulheres sertanejas, oxigenando a academia com a presenças das mulheres que antes não a habitavam, além de não reproduzir as desigualdades, dando centralidade às experiências, histórias de vida e artes de si, gestadas por mulheres que além de silenciadas e estereotipadas, não sonharam ser possível adentrar o ensino superior e rasurar seus muros coloniais.

Ademais, aponta ainda para a dimensão ética, bioética e política envolvidas no processo de pesquisa, que nos alerta sobre outros modos de fazer pesquisa em educação, cujos conhecimentos localizados, situados e de contextos múltiplos, diversos e pouco reconhecidos, como o sertão, nos faz assumir a responsabilidade não apenas co autoral e em parceria do estudo, mas sobretudo, ética e implicada, combatendo a falsa naturalidade da produção do conhecimento científico, que por ser uma produção humana, deve privilegiar a ampliação do presente e das presenças, corresponsabilizando-se por uma educação que produza efetivamente subjetividades includentes.

Estudo este que advém de experiências autorais, sobretudo da primeira autora, visando responder às questões do seu tempo, com escuta atenta, sensível e diversa, na busca por justiça social. Por narrativas locais, que mostre quem somos, o que pensamos, advogando outra política de conhecimento, pois somos sujeitos cognoscentes que interpretam e lêem o mundo com outras miradas de olhares. Uma produção de conhecimento que não aparta o ser-pensante do senti-pensante, numa construção coletiva do conhecimento útil para todos/as. Um “ser sentipensante”, como nos ensina Orlando Fals Borba (1978).³³

³³ Publicada no artigo “Rastros femininos no sertão: linhas de uma revisão sistemática” de autoria de Iane Rocha Mendes e Ana Lúcia Gomes da Silva na **Revista Interações**. Disponível em: <https://periodicos.unis.edu.br/index.php/interacao/article/view/728>

Fotografia 12 - Mandacaru



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2017.

Assim como um “pé de mandacaru” não consegue desenvolver galhos contínuos (caso o fizesse, quebraria com muita facilidade) também não é possível construir uma pesquisa somente com ideias e pensamentos próprios. Para formar o todo da nossa pesquisa, várias outras se juntam a nós, vários outros(as) nos deixam beber das suas fontes. Fazemos pesquisas mandacarus para se tornarem mais fortes e densas.



3 RASTROS NO CHÃO DA CAATINGA - PEGADAS TEÓRICAS E NARRATIVAS ENTREMEADAS

Perigo é se encontrar perdido

Deixar sem ter sido

Não olhar, não ver.³⁴

(Chico César, 2017)

Ficar à deriva no sertão num sol do mês de março não é uma coisa agradável: ele queima a pele, a garganta seca mais vezes do que encontramos um poço com água e bom, não dá para se encostar no mandacaru. Da mesma maneira, caminhar nos veios da pesquisa sem buscar amparo teórico e pistas nas vozes que nos antecederam até aqui, certamente será um atalho perigoso. Diante disso, e para não nos encontrarmos perdidas, vamos olhar, ver, indagar e compreender (em avanço às nossas descobertas na Revisão Sistemática) as pegadas teóricas que já foram deixadas no chão do sertão e em consonância com este estudo.

3.1 AQUARELAS DE SERTÃO: CORES FEMININAS

Sertão.

Palavra usada amplamente e popularmente para designar lugares ermos e solitários, com o sol tinindo, muitos espinhos, umas cabeças de bode, carroças, casas simples, senhoras carregando água na cabeça, senhores de chapéu de palha acompanhados de um cachorro caramelo. Essa configuração imagética de sertão pareceu durante muito tempo estática, imune às transformações quase inevitáveis do tempo. Mas já aviso aos navegantes que não. O meu sertão, aquele onde nasci e estou desvelando os meus caminhos de vida, já carrega marcas que vão diferenciando algumas nuances do que era outrora: meu sertão é cheio de gente,

³⁴ Ouça a música “Deus me projeta de mim” disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=E79ZV7rLeeA&feature=share>

tem sol mas também chuva forte, tem cor, os espinhos mais me acolhem do que me espantam, tem água na torneira, luz acesa, TV digital, internet, carros, motos, tratores, cisternas e ao invés de tentar vencer a seca cuidamos em conviver com ela da maneira menos prejudicial possível. Mas existe uma coisa em comum a estes dois sertões (o de antigamente e o contemporâneo, utilizando a nomenclatura apresentada por Moreira (2018)): os modos de narrar as suas histórias.

Luiz Gonzaga já dizia na canção *“Lá no meu pé de serra”*³⁵, que ele tinha saudades do sertão pois lá “tinha tudo o que queria” - e aqui concordo que temos uma afirmação sertaneja atemporal. A canção “canta a roça e o sertão das experiências cotidianas, de vivências das dificuldades do trabalho duro e da opressão, mas também lugar de farturas e ternuras, criadas como estratégia de sobrevivência em meio à hostilidade” (Moreira, 2018). Ou seja, cantar as histórias do sertão: experiências, vivências, memórias, lutas, festejos, dores e amores.

Nesse movimento narrativo que o sertão está inserido, nos entendemos nesses dias atuais, emergindo novas histórias entrelaçadas e enredadas com as histórias de antigamente. O mover-se do tempo vai criando dobras nas figuras sertanejas e a cada novo dobrar, a história ganha um “que” diferente, ao mesmo tempo de contemporaneidade e de retomada de vivências antigas. A diversidade de sentidos das produções culturais dos sertões contemporâneos revela as tendências de radicalização, reprodução, reciclagem e resistência entre tempos e espaços muito diferentes de se movimentar nos sertões (Moreira, 2018). Porém, para que estas histórias, repletas de saberes e artistagens, não se perca nos (des)caminhos inevitáveis do tempo, precisamos narrá-las.

As mulheres sertanejas sempre ocuparam um papel importante nestas narrativas, contando e recontando sertanidades nos seus fazeres cotidianos. Filhas, mães, avós, bisavós, cartografando através dos seus passos e de seus olhares os desdobramentos da terra-mãe do sertão.

Ao longo da história, os conhecimentos tecidos pelas mentes e mãos femininas foram relegados aos espaços da não importância e posteriormente, ao esquecimento. Mulheres sempre, por opção ou necessidade, criaram artistagens de si e dos seus cotidianos, escrevendo histórias de vida e deixando marcas no chão por onde pisaram. Algumas mais do que outras. Para as mulheres sertanejas, que

³⁵ Ouça a música “Lá no meu pé de serra” disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=BjRDWv9O3b4&feature=share>

sempre viveram segurando as pontas das linhas da hierarquia de gênero e que ocupavam dentro destes espaços de não importância e esquecimento lugares do não letramento e das modernizações urbanas, escrever as suas histórias de vida era quase um desafio de sobrevivência.

Moradoras do sertão, longe das chamadas normas cultas da linguagem, pertencendo a camadas populares e socialmente vulneráveis, elas precisaram/precisam, mesmo que inconscientemente, romper fronteiras entre o chão de terra e o asfalto, reinventando suas formas de ser e estar no mundo. Vivendo em um espaço marcado por fortes hierarquias de gênero, as mulheres sertanejas teceram suas trajetórias no diálogo entre a norma e a transgressão, subvertendo regras e fazendo escolhas que iam na contramão do que era aceitável para as mulheres de seu tempo e espaço (Vasconcelos, 2007).

Mesmo em meio a estes espaços de exclusão social, física (aparência simples) e epistêmica, as mulheres sertanejas conseguem tanto manter vivas as suas histórias e as suas artes bem como as transformam em saberes que formam toda uma outra geração de mulheres sertanejas que continuará a ser. Atravessadas pelos ganchos de modernidade que chegam ao sertão onde habitam, elas se fundem a eles e reinventam com força e delicadeza os modos de viver no sertão (às vezes sem nem ter consciência disso devido à invisibilização de potencialidades ocasionada pela exclusão epistêmica)³⁶. Importante vislumbrar este movimento como um giro decolonial potente, e nesta perspectiva, começar a questionar o porquê do ocultamento destas histórias, como nos diz Vânia Vasconcelos (2019):

Uma perspectiva decolonial nos traz a possibilidade de, além de questionar a eleição de um Sujeito Humano Universal, fazer implodir uma epistemologia que define, a partir da razão moderna, quais modos de viver, pensar, se relacionar são aceitos; e, estigmatiza, inferioriza, subalterniza, “outrifica” saberes, fazeres e prática de sujeitos/as não escolarizados/as, não-binários, não brancos/os. (VASCONCELOS, 2019)

³⁶ Dona Cassimira, conhecida por toda a cidade de Presidente Dutra - BA como “Mãe Mira” e minha bisavó materna, reinventava as “curas” de enfermidades físicas e espirituais através dos braços do sertão que a acompanhava. Seus chás, melaços e “rezas” eram famosos por toda a região de Irecê. Ela era uma potência no tratar das ervas da caatinga e sabia de praticamente todas as suas especificidades. Ensinou-me, também através da minha avó, vários modos de curar e aliviar dores que carrego comigo até hoje. Vários médicos letrados, com toda a sua lista de fármacos, recorreram a ela para pedir conselhos e levar um punhadinho para um bom chá e as melhores orientações de como usá-lo. Perguntada uma vez sobre isso, ela dizia que ela não era nada, mal sabia escrever o próprio nome e que bom mesmo era aquele médico que acabara de sair, pois tinha um diploma. Ah, Mãe Mira, como eu queria antes entender o que entendo hoje e dizer à senhora que talvez tenha sido uma das melhores professoras que aquele médico poderia ter!

Invisibilizando as histórias dessas mulheres, e com isso, as potencialidades que carregam em si, acaba-se por criar estereótipos de um ser cuja única função no mundo é ocupar um espaço que fora determinado para ele. “O estereótipo nega a existência de sujeitos e sujeitas quando os enquadram em tipos idealizados; nesse caso, a idealização é recorrentemente negativa, sendo as mulheres sertanejas vistas como passivas, sem agenciamento, sem ação sobre suas vidas” (Vasconcelos, 2019). E também sem saberes, sem histórias e sem produção de variadas artistagens que desenham o seu viver cotidiano.

3.2 PROSAS SOBRE A VIDA: ARTES DE SI EM (RE)CONSTRUÇÃO

Diante do que foi posto até agora, de todas as linhas traçadas, entrelaçadas, reescritas e principalmente vividas até aqui, chegou a hora de “prosear” um pouco sobre as sertanidades vivenciadas e experienciadas pelas mulheres sertanejas: em suas histórias, em suas famílias, nos seus trabalhos, na relação que elas estabelecem com as/os outras/os e especialmente, consigo mesmas.

Neste sentido, assim como Selifmann-Silva (2013) no prefácio do livro “A aventura de contar-se” (RAGO, 2013), afirmo que falamos das artes de si das mulheres sertanejas neste trabalho a partir de uma escrita anímica, ou seja, uma escrita que ultrapassa o conceito de morta-viva e se (des)dobra em animada, pulsante, cheia de energia.

Entendo, posto isso, que ao assumir uma escrita anímica na Academia também estou assumindo os riscos de cair nas armadilhas/calabouços da epistemologia positivista. Mas não há outro modo de desenvolver essa pesquisa, ao tempo que ela é perenemente banhada de narrativas orais e visuais que urgem serem ditas em todas as seções desse trabalho, até mesmo naquelas ditas como quase puramente teóricas e metodológicas. Há que se abrir espaço para essa escrita, que transcende as telas dos computadores onde estão sendo escritas e transbordam para alcançar e retornar trazendo cada vez mais vida, multiplicando as narrativas e potencializando cada vez mais este texto. Isto, para mim, é a verdadeira escrita anímica e eu a assumo com coragem e não estou só nesta decisão, minhas/meus orientadoras/es e grupos de pesquisa já mencionados no início deste texto, são parceiros nesta trajetória, tanto nas indicações de leitura como nas

orientações e estudos empreendidos no nosso programa de Educação e Diversidade.

Ainda neste caminho de coragens (re)nascentes nesta pesquisa, intento afirmar que para falar/trazer (d)as artes de si das mulheres sertanejas, não optarei por seguir um caminho donde somente as vitórias e as cores alegres serão narradas e experienciadas visualmente. A plenitude dessas narrativas transmutadas em artes de si perpassa por caminhos reais que misturas dores e alegrias, coragens e medos, idas e decisões de ficar. Os próprios modos de viver o sertão, de experienciar, produzir a existência nele são artes de si, artistagens, com seus corpos, vestes, lugares, comidas cheiros- fazendo como nos convoca obras de arte da vida que gestam produção de subjetividades.

Rago (2013) faz este movimento, como bem explicam as palavras de Seligmann-Silva (2013):

Já nas histórias de mulheres tratadas por Margareth, a luz não recua diante dos acidentes, das quebras e rupturas, não deleta as ambiguidades das situações vividas e não nos furta dos momentos de derrota, com todo o custo que representaram. Ao invés da via ascendente do estilo sublime, das narrativas de vida tradicionais, Margareth recria esse gênero de um ponto de vista feminista e engajado, *que impulsiona e proporciona as potencialidades feministas em sua totalidade, alcançando um grau poderoso de subjetividades latentes* (grifo meu).

Nesta seara, e conjugando os pontos com as viradas feministas no sertão contemporâneo, é importante salientar que as lutas feministas para angariar direitos femininos fortes e consistentes para as mulheres e em especial, para as mulheres sertanejas, neste trabalho, advém da reinvenção destas mulheres e que isso, só é/foi possível diante de muita luta, trajetórias difíceis, conflitos e vitórias marcadas por um misto de risos e lágrimas.

Dizer então, aqui, das artes de si das mulheres sertanejas sem estar dispostas a sentar com elas, a ouvi-las em suas dores e amores, a acolhê-las generosamente e se juntar a elas numa prosa sobre a vida, é quase impossível. Essa pesquisa é vida-formação do início ao fim e não tem outra maneira de sê-lo. Selligmann Silva (2013), ao citar a pesquisa de Rago (2013) sobre a vida de sete mulheres, afirma que

Assim como essas mulheres recorreram à prática da escrita de si para tentar se reinventar, costurando suas subjetividades a partir de suas trajetórias, conflitos, frustrações e vitórias, utilizando essa escrita como

ferramenta política, inspiradas pelas lutas feministas, do mesmo modo Margareth, ao reinscrever essas vivências, dando a elas uma acolhida aberta e generosa, perfilando-as lado a lado, contextualizando essas narrativas, justamente destaca o aspecto feminista e disruptivo dessas experiências. Elas são, assim, potencializadas, apresentadas como parte de histórias locais, mas ainda de uma história nacional e internacional.

E sendo, pois, uma pesquisa vida-formação que se prostra à dedicação profunda às histórias de vida e artes de si das mulheres sertanejas, ela encontra desafios que este tipo de pesquisa comumente percebe em seu caminho (auto)formativo. Existe uma outra vida, de mulher sertaneja, repleta de artes de si e de histórias pulsando em serem narradas: a vida da própria pesquisadora. Ao fazer uma reinscrição da vida dessas mulheres, também estou escrevendo sobre mim, num processo de heteroautobiografia.

Margareth Rago (2013), assim trata a heteroautobiografia:

A heteroautobiografia consiste em um movimento, de deslocamentos, reconhecimentos e fraturas, um processo que é nômade e, faz-se: a) hetero visto que envolve dois corpos diferentes em encontro; b) biográfico visto que um corpo produz narrativas sobre suas experiencialidades, memórias, e relações espaço-temporais; c) autobiográfica visto que aquele que escuta e reconhece o outro, mistura suas experiencialidades ao criar um espaço de escuta e ao produzir registros deste encontro; e d) heteroautobiográfica, visto que as narrativas, as memórias, os reconhecimentos, escutas e registros, produzem enunciados e constituem a existência de ambos. (RAGO, 2013)

Desse modo, eu como pesquisadora/escritora/transcritora dessa pesquisa, mesmo não aparecendo de modo explícito nas histórias que serão narradas, estarei sim, presente de modo significativo como uma contadora de histórias que mesmo não sendo sobre mim, dizem respeito a mim de maneira exponencial e em altíssima importância. Butler (2015 a), ao dizer sobre o processo de relatar a si, nos apresenta a transmutação dessas ideias em tecnologias de poder e resistência que podem a todo momento serem (des)(re)conhecidas, (des)(re)memoradas e (des)(re)feitas.

Importantes são esses posicionamentos, pois há que reforçar-se o caráter teórico dos fatos e artes de si narrados e produzidos nestas histórias. Apesar de passarmos sempre e com cuidado pelos entrecruzamentos panorâmicos dos conceitos já postos, estamos em primeiras mãos juntamente com Margareth Rago (2013), Ana Lúcia Gomes da Silva (2021 aulas), Juliana Cristina Salvadori (2021 aulas) e demais outras, nos arriscando a inaugurar conceitos novos na perspectiva

da pesquisa-vida-formação, trazendo como nos diz Foucault (2004), uma construção de subjetividades mantendo o processual do ser como devir.

Neste íterim, como nos traz Seligmann-Silva (2013) no prefácio do livro *A aventura de contar-se*, este movimento quebra com a lógica falocêntrica do acúmulo de provas e evidencia o trabalho de reconstrução do sujeito de e suas redes (afirmando, pois, a importância da pesquisa colaborativa). Ele afirma ainda que “a cena do testemunho, o face a face, a constelação de forças do presente deixam suas marcas no testemunho, tanto quanto a perspectiva dos fatos, a entonação da voz, os silêncios e os gestos de quem fala”. (SELIGMANN-SILVA, 2013, p.19)

Entende-se, pois, que ao narrar as suas histórias, as mulheres sertanejas também criam nas narrativas de si que irão desenvolver ao fazerem parte, colaborativamente e de mãos dadas, dessa pesquisa, um contrapoder. Um contrapoder que vai além do que está posto, que transcende as veias positivistas e transborda em sangue renovado que não se comporta mais em um único corpo vivo, precisa vazar e ocupar novos corpos e novos espaços. Como pontua Seligmann-Silva (2013), “essas histórias precisam ser divulgadas, lidas em nossas escolas e faculdades, tendo em vista seu potencial de transformação em outras ações disruptivas, via contaminação e polinização”.

3.3 REGISTRANDO EM *PIXELS*: SERTÃO EM CONTRASTE E SATURAÇÃO NATURAIS

As imagens estão cada vez mais presentes na vida das pessoas, plasmamos em telas desde os nossos cotidianos até as novidades sobre o sistema solar – através das fotografias da Nasa veiculadas através das mídias sociais. O visual, possivelmente, pode ser encarado como um dos mais influentes termos do século vigente, fazendo parte de maneira quase intrínseca da construção social das populações. Ao tratar de cultura visual, conceituando-a, Mirzoeff (2003) aduz que ela “é uma tática para estudar a genealogia, a definição e as funções da vida cotidiana pós-moderna a partir da perspectiva do consumidor, mais que do produtor” e diz ainda que o visual se constitui em um “lugar sempre desafiante de interação social e definição em termos de classe, gênero, identidade sexual e racial”.

Desse modo, podemos vir a compreender que uma pesquisa que traz em seu bojo estudos em cultura visual está alinhada com o caminhar contemporâneo da

sociedade, e traduz-se em relevância acadêmica, cultural e social. Para ilustrar este pensamento, Gomes (2019), dispõe que [...] “a cultura visual inunda nossa sociedade contemporânea e perpassa os processos de construção do conhecimento”, mostrando a importância deste conceito-chave para as pesquisas em educação.

Diante da dinamicidade que pode ser encontrada em pesquisas que busquem pontos de força na utilização das imagens na sua composição, o estudo investigativo em tela, assume, mesmo perante ainda diante de poucos estudos que abranjam a cultura visual, a posição de trazer a esta prosa em pesquisa as narrativas visuais da pesquisadora, como visto ao longo deste texto e as produzidas nos ateliês e as das mulheres participantes da pesquisa. Todo este texto, como pode ser percebido desde o seu início, apostou nas narrativas como formas de potência das artes de si e das histórias de si e entendemos que com as imagens que compõem esta pesquisa, não poderia ser diferente.

Porém, deixamos claro que o termo “narrativas visuais”, ainda carece a nível de academia, de um conceito mais amplo e ancorado nas práticas que o cercam. Os trabalhos encontrados que dizem sobre esta temática não se aprofundam no seu conceito e o trazem apenas no momento da prática da pesquisa, sendo demonstrado apenas nas imagens que os acompanham. Esta pesquisa, na continuidade da pesquisa pós-defesa assumirá o desafio de construir um conceito mais sólido e ancorado de narrativas visuais, fermentado entre o método que utilizaremos e as imagens que iremos construir, coletivamente, ao longo deste caminhar. Traçaremos já, neste texto, algumas linhas conceituais, mas antes veremos os caminhos que a cultura visual já tomou até aqui e a sua importância para as pesquisas em educação.

Inicialmente, podemos ponderar a respeito da seara da interpretação/compreensão das imagens. Esta questão é de extrema relevância, pois, sabemos do alto grau de subjetividade que o ato de interpretar e compreender uma imagem ou mais especificamente, uma fotografia, podem dispende. Nesta pesquisa, certamente nos deparamos bastante com esta característica tão latente nos estudos da cultura visual. Com cuidado, nos prepararemos para as mais variadas concepções que encontraremos até mesmo, às vezes, de uma mesma imagem do sertão. Isso também denota uma outra característica importantíssima dos estudos em cultura visual: ele só é feito de modo amplo e abrangente, como

nos pedem os estudos em educação e diversidade, se for produzido por olhares multi e interdisciplinares envolvendo diversos campos de atuação através da transmutação desses olhares num movimento de criticidade ao tempo que sempre nos perguntaremos: o que dizem, como dizem e por que dizem as imagens? Lima (2019) coaduna com este pensamento:

A discussão sobre as imagens e seu poder nas relações sociais e nos processos de comunicação contemporâneos abarca uma série de questões. Dentre estas, o entendimento de que o processo de interpretação e consumo desses textos precisa ser compreendido cada vez mais a partir de um olhar multi e interdisciplinar, que possa respeitar os diversos campos de atuação, mas que também possa lançar um olhar crítico sobre os fenômenos contemporâneos que nos cercam. A reprodução e proliferação das imagens nos meios abre espaço para um questionamento fundamental do que dizem, como dizem e por que dizem. (LIMA, 2019)

Diante disso, precisamos estar atentas, pois na medida em que abrimos essa prerrogativa de assumirmos esse olhar multi e interdisciplinar frente às imagens, e o faremos nessa pesquisa, estamos também assumindo o risco de cairmos no chamado encantamento imagético, no qual há um risco de perdermos o olhar crítico sobre as imagens (neste caso, do sertão) e que será de muita importância no decorrer deste trabalho. Neste ínterim, entendendo o risco próximo a nós nessa pesquisa, da banalização das imagens que serão produzidas de forma colaborativa, entendemos que estaremos sempre com um olhar atento a estas imagens e às subjetividades por elas produzidas para que possamos abrir possibilidades interpretativas e pluralidade de contextos (o que nos ajuda, inclusive, a compor o nosso conceito de narrativas visuais a partir das nuances emergentes nesta pesquisa) (LIMA, 2019).

As imagens utilizadas neste trabalho foram do tipo fotografia e como tal, ela também é considerada um texto visual. Ou seja, neste ponto, já estamos diante das potências emergentes do que estamos chamando de narrativas visuais: um texto visual é preñado de narrativas pulsantes e aqui, nesta pesquisa, estaremos dispostas a levar todas elas em consideração, pois se constituiu uma das bases dos nossos trabalhos de campo, dos nossos A(r)telôs de pesquisa, do qual trataremos no capítulo metodológico, a seguir, ao apresentarmos os dispositivos de pesquisa. Quanto à fotografia, Lima (2019) assim nos complementa:

De fato, a fotografia é uma imagem, e assim sendo, é considerada um texto visual. Por se tratar também de uma imagem técnica de representações da realidade, a leitura da imagem fotográfica requer um encontro de conhecimento desta dimensão técnica ao campo simbólico. O exercício do ver requer do sujeito utilizar-se de dispositivos subjetivos que envolvem processos intelectuais, contextos sociais, históricos e pessoais. Ou seja, interpretar fotografia é ter percepção dessas duas dimensões: é uma imagem pensada e estruturada tecnicamente que representa realidades. (LIMA, 2019)

Levando em consideração as informações até aqui apresentadas, entendemos que a fotografia vai além do mote estático e passa também, a despeito inclusive da propulsão das narrativas visuais, a ocupar um lugar de trânsito, de movência, para que consiga inclusive, acompanhar as potências dessas narrativas emergentes.

A fotografia como fragmento da realidade representada funciona, do ponto de vista físico como ponto estático, porém do ponto de vista do sentido como um lugar de trânsito, de sentidos moventes. É desse ponto de vista que podemos dizer que o sentido da imagem é transversal. (GOMES & SILVA, 2013)

Em inspiração às escritas de Lima (2019), podemos inferir que esse contexto transversal atua na perspectiva do rizoma deleuziano, atravessando [...] “a matéria, criando múltiplos caminhos de sentidos, narrativas e conexões”. [...] “A produção de sentido se inicia, quando os [...] os leitores inferem, interferem e, imergidos nessa floresta de símbolos, reconhecem, identificam e interpretam o que não está posto na imagem, atribuindo valores e realidades ao elemento visual (LIMA, 2019).

Considerando essa transversalidade posta em contextos, precisamos inferir que inicialmente teremos em mãos as chamadas imagens técnicas (capturadas nos dispositivos digitais das colaboradoras da pesquisa que estarão aptos a isso). Porém, ao lançarmos mão dessas imagens técnicas nas inferências da imaginação, abriremos as portas das narrativas visuais que surgirão daquela imagem, descortinando, desta forma, um universo de significados. Flusser (2002), coaduna com este entendimento:

[..] são elas símbolos extremamente abstratos: codificam textos em imagens, são metacódigos de textos. A imaginação qual devem sua origem, é capacidade de codificar textos em imagens. Decifrá-las é reconstituir os textos em que tais imagens significam. Quando as imagens técnicas são corretamente decifradas, surge o mundo conceitual como sendo o seu universo de significado. O que vemos ao contemplar as imagens técnicas

não é o mundo, mas determinados conceitos relativos ao mundo, a despeito da automaticidade da impressão do mundo sobre a superfície da imagem. (FLUSSER, 2002)

Deste modo, podemos então inferir, desde já, que trabalharemos nesta pesquisa com um conceito de narrativas visuais que partirá da imagem técnica produzida nos A(r)telíes de pesquisa, considerando as veias disparadoras temáticas que utilizaremos em cada um deles e o ampliaremos na medida em que adentrarmos a produção de subjetividades por meio da transversalidade e ancorado na força dos olhares multi e interdisciplinares que nos acompanharão, com ainda mais força, na fase de campo desta pesquisa.





Fotografia 13: peixinhos na palma da mão



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2018.

Nadar nas águas da metodologia da pesquisa exige calma, paciência e observação. Ao escolher a pesquisa narrativa junto-me a ela para apreciar a riqueza que é entender as várias formas de se comunicar e narrar que uma pessoa pode ter. E quando essa variedade de formas de narrar se juntam, o resultado foi um verdadeiro almanaque de vozes e experiências!





4. PRIMEIRAS SEMENTES: PREPARAR A TERRA E OBSERVAR O BROTAR - SEMENTES METODOLÓGICAS

(Des)dobrando o (ir)real - (Ser)tão real...
(lane Rocha, 2021)

É a partir de problematizações que uma pesquisa se desenvolve (Aragão, Barros, Oliveira, 2005). Assim, ao problematizar a ideia do real na pesquisa e as várias formas possíveis de (re)dimensioná-lo, eu estou problematizando bastante. Não acredito que seja o momento de encerrar a pesquisa em sua literalidade, pois creio que estarei a todo o tempo iniciando ou reiniciando etapas e fases importantes da pesquisa (num movimento de abandono, retorno, ir para às vezes nem voltar).

Apesar das constituições de subjetividades que me atravessam e atravessam esta pesquisa, deparei-me comigo mesma dizendo no Grupo de Estudos e Trabalho (GTE) do componente Laboratório de Prática e Pesquisa em Educação II (Lappe)³⁷ no ano de 2021 que queria que ela mostrasse o real (real literal mesmo). Talvez por uma ânsia de “desdizer” falas preconceituosas de um sertão árido e sem vida. O irreal não me serve, não me mostra o que eu quero ver. Mas é mesmo tanto “eu”? Meu desenho metodológico diz que não; e é como se quase sorrisse para mim.

“As narrativas que constituíram a realidade da pesquisa e são reais? Como posso dizer que sim ou que não? A metodologia me disse? O método, o rigor científico, a dimensão ética e técnica que delimitaram as minhas escolhas me aproximam de um equilíbrio metaestável?” Aragão, Barros, Oliveira (2005) também dizem que o campo de pesquisa é sempre um campo político, logo complexo e

³⁷Ciente da importância dos componentes teóricos do mestrado na minha evolução como pesquisadora e do quanto eles foram relevantes para o aprimoramento da minha percepção e valoração do trabalho colaborativo na pesquisa acadêmica, assumo o espaço de citá-los neste texto. O mencionado componente, Laboratório de Prática e Pesquisa em Educação II (Lappe), ministradas pelas professoras Ana Lúcia Gomes da Silva e Juliana Cristina Salvadori, movimentou-me por inteiro no que diz respeito a concepções metodológicas não positivistas, à importância da coautoria em respeito à ética nas pesquisas e a observação de uma escrita nova e potente em constante devir.

banhado em subjetividades. É necessário (des)dobrar o ir(real), trazer novas significações alinhadas à ideia de produção de conhecimento e ciência, inventando movimentos de mim e do mundo (Aragão, Barros, Oliveira, 2005). Neste tear, consigo compreender os (des)dobramentos desta pesquisa, quebrando as barreiras do “real” e abrindo largos caminhos para a construção das subjetividades ao tempo em que (re)significa os movimentos das mulheres sertanejas e (re)conhece os saberes/fazeres delas no mundo (e os meus também). E é a pesquisa narrativa desdobrada pela própria pesquisa em narrativa cartográfica que caminhou comigo em todo este processo.

Ao entrar no campo da pesquisa pude perceber que as narrativas são sim, reais. A constatação desse fato não veio somente pela utilização do método/metodologia escolhida, mas também da maneira como cada narrativa tecida mostrava-se importante na constituição de rico acervo de informações e histórias sobre um sertão de mulheres fortes, diversas e atuantes no cenário educacional que escolheram ocupar. As narrativas são reais assim como as mulheres que as tecem também são.

A pesquisa narrativa como método apresenta-se em oposição aos métodos tradicionais/convencionais de pesquisa mais voltado para os ideais positivistas na medida em que considera o/a sujeito/a como um todo, em suas (des)construções subjetivas e materiais, suas aquarelas inteiras. A pesquisa narrativa foca na experiência do/a sujeito/a e na expressão de sua subjetividade em diversidades potentes e em constante devir. Oliveira (2019) apud Bueno (2002), coadunam com este pensamento:

Esse novo método adotado nas pesquisas em educação coloca em evidência a voz do sujeito participante das investigações, opondo-se a visão dicotômica dos métodos convencionais de pesquisas entre investigador e investigado. Assim, a virada da narrativa foca a experiência do sujeito, abrindo espaço para a expressão de sua subjetividade, pois este foi um aspecto que “aos olhos dos pesquisadores se mostrou esquecido ou mesmo relegado nos tratamentos anteriores, e que por isso passou a se mostrar promissor para realimentar novos desenvolvimentos teóricos na área” (OLIVEIRA, 2019 APUD BUENO, 2002, p. 13).

Apreende-se, pois, a pesquisa narrativa, partindo desse entendimento da importância da experiência do/a sujeito/a numa perspectiva que envolve o processo de colaboração no movimento do tecer as narrativas contadas e experienciadas. Sousa (2020), neste ínterim, nos diz que “a pesquisa é uma tarefa lógica e racional,

mas sem dúvidas ela também é uma tarefa pessoal que envolve, além do experimento objetivo, do distanciamento metodológico, a experiência ou a vivência de quem pesquisa”. Neste sentido, as histórias narradas se entrecruzam criando possibilidades de novas histórias ou multiplicando-as numa dança do recontar, (re)conhecendo e (re)significando a própria experiência a partir das narrativas num processo de reflexão importantíssima que pode gerar apontamentos teóricos novos e (re)estruturantes para este método de pesquisa.

Moraes (2000), afirma que o simples fato de narrar acontecimentos não se constitui na narrativa. A narrativa permite a ação reflexiva alinhada com fatos e histórias de vida que constituem a própria formação das/os sujeitas/os que, neste movimento, refletem e avaliam seu percurso aprendendo e reaprendendo com ele. De outro lado, aquela/e que ouve ou lê a narrativa permite-se perceber que em determinados momentos a sua própria história de vida pode, de algum modo, entrecruzar-se com a que está sendo narrada. Este movimento potente pode ainda constituir possibilidades de aprendizagens a partir das experiências nascentes e emergentes do cruzamento de uma história com a/as outra/as.

Clandinin e Connelly (2011) ponderam ainda que esse processo de partilhamento/compartilhamento de histórias na pesquisa narrativa também afetam o/a pesquisador/a que não são, de modo algum, imunes a ele:

A pesquisa narrativa “é uma forma de compreender a experiência. É um tipo de colaboração entre pesquisador e participantes, ao longo de um tempo, em um lugar ou série de lugares, e em interação com milieus. Um pesquisador entra nessa matriz no durante e progride no mesmo espírito, concluindo a pesquisa ainda no meio do viver e do contar, do reviver e recontar, as histórias de experiências que compuseram as vidas das pessoas, em ambas perspectivas: individual e social. [...] Esse confrontar de nós próprios em nosso passado narrativo torna-nos vulneráveis como pesquisadores, pois transforma histórias secretas em histórias públicas. Na pesquisa narrativa, é impossível (se não impossível, então obrigatoriamente decepcionante) como pesquisador ficar silencioso ou apresentar um self perfeito, idealizado, investigativo, moralizante.” (CLANDININ E CONNELLY, 2011)

Importante ressaltar que o disposto citado sobre o envolvimento do/a pesquisador/a também guarda os seus perigos: a vulnerabilidade inevitável frente às narrativas contadas no decorrer da pesquisa juntamente com o fato de que ao misturar essas histórias, há uma certa “intrusão” na vida do/a outro/a aliado aos riscos do ego e do exibicionismo do/a pesquisador/a devem servir de alerta para uma vigilância constante do caminhar da pesquisa. Mesmo em dias felizes onde se

pode pesquisar de maneira mais livre das amarras positivistas, deve-se sempre ser lembrado e aplicado o rigor científico e os alinhamentos éticos, potencializando, por outro lado, a força que tem a partilha de experiências. Galvão (2005) apud Casey (1995), trazem linhas interessantes:

A narrativa, como metodologia de investigação, implica uma negociação de poder e representa, de algum modo, uma intrusão pessoal na vida de outra pessoa. Não se trata de uma batalha pessoal, mas é um processo ontológico, porque nós somos, pelo menos parcialmente, constituídos pelas histórias que contamos aos outros e a nós mesmos acerca das experiências que vamos tendo. Decorrente desta visão, existe na narrativa uma conotação narcisista que tem a ver com a exposição do “eu”. A necessidade de contar a nossa própria história encerra algum exibicionismo – explorado, hoje em dia, às vezes de uma forma negativa pelos meios de comunicação – que exige voyeurismo de alguém que ouve (CASEY, 1995). Mas esta visão restrita é complementada, ou talvez negada, pela função de partilha de experiências de reconstrução de identidade, de comunidade, de tradição, mesmo que temporariamente. Histórias orais dão passado histórico às pessoas nas suas próprias palavras. E ao dar-lhes um passado, também as ajuda a criar um futuro. (GALVÃO, 2005)

Desse modo, partindo da premissa de que reinventar a si pelas artes de si é compreender a si mesmo/a e aos/as outros/as entende-se que é sempre possível fazer uma nova leitura de si mesmo/a. A pesquisa narrativa estuda a experiência como história e pode ser desenvolvida tanto pelo contar dessas histórias quanto pelo vivenciar delas. Esta pesquisa, traz, pois, a narrativa como método e ao mesmo tempo como fenômeno pesquisado (CONNELY e CLANDININ, 2011).

4.1 DIÁLOGO, COLABORAÇÃO E CO AUTORIA: DESDOBRAMENTOS ÉTICOS

Segundo Rios (2006), “trazer a ética para a pesquisa consiste no desafio de colaborar na construção da vida, em seu significado mais pleno” e que para aproximá-la do percurso que faremos no transcorrer do caminho enquanto pesquisadoras/es, temos que deixar claro o sentido como o qual iremos trabalhar.

Quando observo as palavras iniciais de Rios (2006) no texto “A ética na pesquisa e a epistemologia do pesquisador” e dialogo com elas trazendo-as para perto da minha pesquisa, sou imediatamente transportada para uma das minhas maiores, digamos, aflições metodológicas: a ética na pesquisa com imagens. Não me preocupo tanto com a parte moralista e protocolar do processo, seguir as resoluções e preencher formulários, embora saiba da sua importância também.

Porém, quando me deparo com o que Rios (2006) chama (de maneira muito acertada) de ética, uma linha de tensão percorre a minha face.

Assumo, na minha pesquisa, o desafio de trabalhar com as imagens para potencializar as narrativas das mulheres sertanejas, porque sei o quanto é difícil às vezes para o sertão (e aqui entenda-se sertão como todas as coisas e pessoas que dele fazem parte, bem como a terra, as paisagens, as cores, as pessoas, os cheiros) dizer “somente em palavras”. Também acredito na potencialidade de uma pesquisa multifacetada, que traz no seu desenvolvimento diversas estratégias de alcance dos objetivos pretendidos e no quanto esta diversidade pode enriquecer as maneiras de pesquisar. Pesquisar com imagens traz essa prerrogativa e nos convida a desenvolver um trabalho mais amplo e diversificado, porém bem mais complexo, pelas múltiplas interpretações e polissemias que as imagens evocam.

As imagens trazem, nos seus afetamentos e pronunciamentos, a possibilidade das múltiplas interpretações (disparadas pela vivência e experiência de mundo de cada pessoa que se propõe a observá-la e dizer sobre ela). Dessa forma, de que modo podemos garantir a dimensão ética na sua forma plena e crítica, como propõe Rios (2006), se estamos trilhando os caminhos multi-interpretativos das imagens? Não acredito que só [...]“ocultar” rostos e localizações sejam suficientes. Antes de mais nada, precisamos ter uma atitude crítica, “olhar a realidade com clareza, profundidade e abrangência. Ver claro, para evitar os elementos que prejudicam nosso olhar, para evitar as armadilhas instaladas em nós e em torno de nós” (RIOS,2006).

Indago a respeito dos tensionamentos éticos entre mundos e sujeitos através da fotografia. Pensar, ao desenvolver a metodologia da pesquisa, os atravessamentos de existência e todos os fragmentos de subjetividades que compõem o “capturar” de uma fotografia, o “fazer” de uma imagem. Aragão (2005) entende a metodologia como o modo como nos posicionamos diante do conhecimento, num movimento que demanda ação política e ética nas escolhas e, neste conjunto, se insere o método - que vai responder ao “como?” na pesquisa. Compreendendo esse desenrolar e mantendo uma atenção cuidadosa com as/os sujeitas/os da pesquisa, será possível chegar cada vez mais próximo do fazer ético que almejamos na pesquisa.

Todas estas ideias e inquietações desembarcaram junto comigo nas aulas síncronas dos dois primeiros semestres. Cheguei até a aula questionando-me e

fazendo questionamentos (mais internos que externos inicialmente) sobre os desafios enfrentados por um comitê de ética em educação. Na disciplina de Laboratório de Prática e Pesquisa I³⁸ vimos que os fazeres voltados à ética das pesquisas eram mais ligados à preservação da vida, em sua forma literal, dos sujeitos que delas participariam. Com o passar do tempo e o surgimento de pesquisas vinculadas às ciências sociais, percebeu-se que as normativas e textos existentes não dariam conta de dar suporte a essa nova forma de pesquisar, criando assim, resoluções e orientações específicas para tal campo (mais por pressão e obrigação do que por preocupação propriamente dita).

Bom, mas tais códigos dizem mesmo sobre ética? Ou será que estão mais ligados a uma ideia de moral que precisa ser seguida para confirmar a público o não acusamento de danos aos sujeitos/as? O que é moral e por que precisamos tomá-la para falarmos da ética? Se tomarmos a moral como aquilo que nos comprometemos a seguir mediante normativas estabelecidas e postas que nos dizem o que é certo e o que não é certo fazer, podemos dizer então que ética seria o nosso posicionamento crítico reflexivo sobre estas atitudes e a partir daí definirmos, mais por nossa consciência e relacionamentos sociais, o que é certo ou não fazer? Sou levada a crer que sim.

Chego então à seguinte indagação: de que rigor ético estou falando em minha pesquisa? Ela tem pautado as minhas ações e acompanhado as decisões que tomei até aqui? Ela está presente nas relações que tenho construído com meus pares e com a pesquisa que busco realizar? Concordo com Rios (2006) quando ela diz que devemos ter sempre em mente a pergunta (que emerge num desafio): a pesquisa que proponho desenvolver, utilizando conhecimento científico, contribui para um mundo feliz e uma vida boa? Bom, mas sou eu quem vai dizer o que seria essa “vida boa”? Estaria, desta forma, ao fazer estes questionamentos, deslizando do conceito de moral para o conceito de ética?

Ao questionar-me sobre o que é/seria esta vida boa, inconscientemente já admito que não serei eu a dizê-lo. Nem o outro, sozinho. Uma vida boa, um mundo feliz depende da relação contínua e conjunta entre eu, o outro e o mundo em que vivemos. Temos que pensar a ética também a partir desta relação. Ao realizar uma pesquisa, terei por regra, que seguir protocolos e preencher formulários. Mas de

³⁸ Componente ministrado pelas professoras Jacy Bandeira e Ione Jatobá Leal no primeiro semestre do curso de Mestrado no período 2021.1.

nada adiantará este movimento se eu não exercitar essa ética cotidiana que considera os ideais de alteridade e os princípios que a cercam. Protocolos éticos não garantem a ética.

Inspiro-me também em Tedesco (2015), estando no campo, sendo o campo, compondo com o campo desde o início quando começamos a indagar, argumentar, tecer ideias e gestos técnicos para compor nosso campo de pesquisa. Nossas orientações éticas defendidas não são estanques, nem fixas - é do plano da com-posição com o outro - somos contra orientações pré-fixadas que engessam a experiência gerada no campo da pesquisa ao invés de dar a esta fluxo, pulsão de vida, que estancam e engessam a pesquisa.

A ética na pesquisa transcende ao Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) com conceitos e preceitos gerais que nos autorizam a ir a campo. A discussão central deve ser uma concepção de ética ampliada para além de um código fixo firmando como critério suficiente para oferecer aprovação, sendo, portanto, seletivo, pois não dá conta dos estudos que abordam e se direcionam à produção da subjetividade. (TEDESCO, 2015). Queremos em nossas pesquisas produzir subjetividade includente, haja vista que esta é entendida como processualidade, e se produz na efetiva e afetiva relação "[...] entre processo de subjetivação e de desubjetivação, portanto, é esperado que as orientações éticas acompanhem suas transformações". (TEDESCO, 2015, p. 34).

Falar de ética é falar de vida. Vida em sua forma ampla, com todas as suas nuances subjetivas consideradas. Retomo que a ética é relacional, e tomada frente à vida, é ingrediente básico para a melhor construção de uma pesquisa que diz ser colaborativa e coautoral. Investir em um movimento de mim para o/a outro/a, relacional, de forma crítica, narrando a mim para narrar o/a outro/a ao tempo que me relaciono com ele/a (caso da minha pesquisa), já está implicada a dimensão ética que tanto almejo. Entendo que a chave está no cuidado, chegar à intervenção mais preparada/o para escutar do que para falar, tendo em vista o fazer junto, a continuidade da pesquisa e dos seus desdobramentos futuros (que não serão ditos/feitos por mim, mas por todas/os).





Fotografia 14: mulher sertaneja sob o juazeiro (avó da pesquisadora)



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2018.

Chegou finalmente a hora de conhecê-las!
Elas e toda a diversidade que as acompanham, tanto nos saberes acadêmicos
quanto naqueles que são gestados fora deles.





4.2 RESULTADOS EMERGENTES NOS/DOS A(R)TELIÊS: O QUE NARRAM AS MULHERES SERTANEJAS?

A fase de campo da pesquisa foi realizada no mês de agosto de 2022 e no 1º encontro ocorreu a apresentação da pesquisa para as possíveis participantes/colaboradoras deste estudo, apresentação do TCLE informando todos os detalhes que o envolve (dizer dos pressupostos éticos nos quais este estudo está amparado, dos possíveis riscos da pesquisa, da supremacia da vontade da participante/colaboradora). Cumpre destacar que as participantes/colaboradoras da pesquisa se autodefiniram de acordo com os seus afetamentos e atravessamentos de seus marcadores das diferenças, a saber: gênero, raça, classe social, sexualidades, geração, para não serem identificadas (a menos que este seja o desejo delas, amparadas pela Resolução 510 de 2016).

O lócus da pesquisa foi o Campus IV/Jacobina da Universidade no Estado da Bahia. As participantes da pesquisa foram escolhidas mediante os seguintes critérios de exclusão/inclusão: fazerem parte da comunidade acadêmica da universidade onde se localiza a pesquisa, pertencerem ao território/microrregião da cidade da pesquisa; para as discentes, estarem no quarto semestre da graduação; no caso das técnicas, estarem há pelo menos 3 anos no exercício da função; no caso das docentes, estarem há 3 anos no exercício da função. Por fim, a livre adesão.

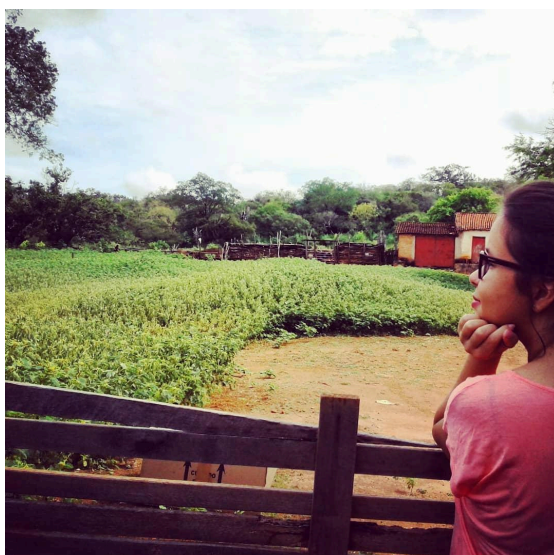
O movimento de experienciar as trajetórias das mulheres sertanejas a partir de suas imagens e suas histórias de vida apontaram através dos A(r)telíês, para suas potencialidades e deste modo, proporcionou o fortalecimento de perspectivas formacionais para a diversidade num espaço fecundo de formação colaborativa, a saber: Estamos compreendendo perspectivas formacionais como o conjunto dos saberes-fazeres que constituem mulheres e homens em seus distintos processos de vida-formação. No caso deste estudo, a ênfase recai na perspectiva das epistemologias feministas, nas relações de gênero raça/ classe e sexualidades.

Para finalizar, entre os meses de dezembro e janeiro de 2022, organizamos o material de campo, produzido nos A(r)telêes, sistematizado e analisado. Neste intento, tomamos como procedimento de análise a própria narrativa, visto que o estudo narrativo em tela parte do pressuposto ontológico de que a realidade é socialmente construída por meio das interações sociais das pessoas. Subjetivamente, as mulheres percebem a realidade objetiva (permanência na Universidade) e intersubjetivamente (histórias de vida entrelaçadas). A narratividade foi tecida como forma artesanal de comunicação cujo objetivo foi partilhar nos A(r)telêes conteúdos, expressados em suas narrativas, a saber: memórias familiares, afetivas, profissionais e religiosas.

Os resultados centrais apontaram as contribuições tanto da fase de aproximação inicial do campo quanto do percurso da pesquisa, quanto a importância dessa temática para o reconhecimento cada vez mais forte da importância dos saberes-fazeres em artistagens das mulheres sertanejas e desconstrução de imagens estereotipadas do sertão, acerca do seus gêneros, apontando ainda novos modos de habitá-lo. Além disso, destacaram a relevância da universidade como espaço de empoderamento, independente da função-cargo que ocupam, destacando a função social da universidade como propulsora e promotora e de políticas públicas sociais e afirmativas. Ao final, as participantes produziram seus autorretratos de modo a refletirem a maneira como se enxergavam inicialmente ao entrarem na Universidade e como se enxergam agora ao experienciarem nos A(r)telêes suas trajetórias de acesso e permanência na Universidade.



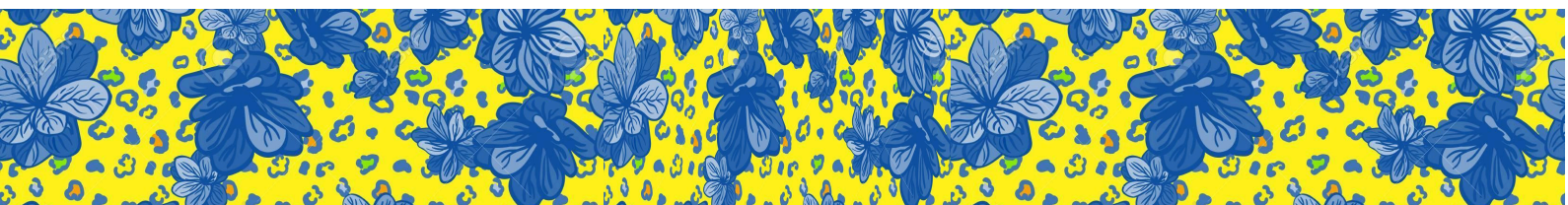
Fotografia 15: mulher sertaneja observa a paisagem (a pesquisadora)



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2018.

A riqueza das narrativas merece ser contemplada como quem contempla o sertão após as primeiras águas.





5 CRESCER: CULTIVAR O CAMPO POR MÃOS FEMININAS

Climatologicamente falando, o sertão, assim como qualquer outro lugar do Brasil teria quatro estações do ano bem delimitadas: primavera, verão, outono e inverno. Na prática, no sertão temos duas estações popularmente conhecidas e bem delimitadas: a “seca”, que ocupa a maior parte do ano e é marcada pela falta de chuva e pela vegetação desprovida de folhas e o “verde”, caracterizado pela folhagem verde da vegetação e pelo período de chuvas, que ocupa a menor parte do ano.

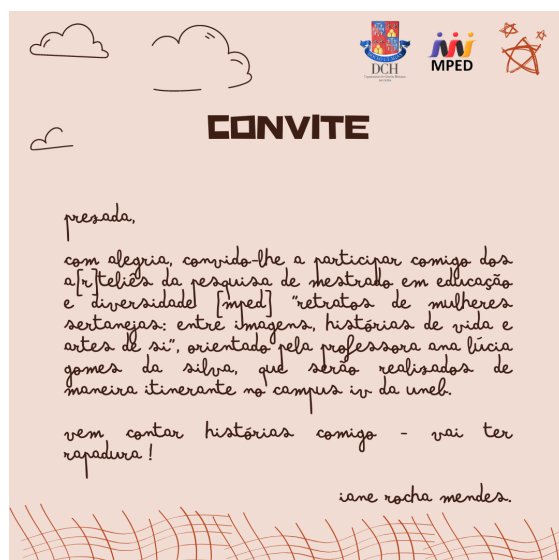
Aqui, seguiremos a delimitação usual das estações do ano para apresentar as narrativas das mulheres sertanejas participantes dessa pesquisa³⁹:

- a primavera de Aislan e Thaís;
- o verão de Isabela e Andreza;
- o outono de Lucy e Tangerina e
- o inverno de Rosa e Dona Zefa

Acompanhemos.

³⁹ Os nomes a resolução no artigo 9º da RESOLUÇÃO Nº 510, DE 7 DE ABRIL DE 2016, prevê e assegura , se for da vontade do sujeito participante da pesquisa na alínea V, decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública, o que para nós é imprescindível, pois é nossa experiência de docentes-pesquisadores que queremos dar visibilidade, a fim de com elas, difundir as experiências emergentes nesta pesquisa.

Figura 01: convite enviado às participantes da pesquisa



Fotografias 16: rosas no sertão



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2018.

5.1. ROSAS PARA AISLAN

Aislan, mulher sertaneja.

Aislan, mulher que adora sorrir.

Aislan, mulher que gosta de mudar a cor dos cabelos.

Aislan, mulher que ama andar pelas ruas ouvindo música nos seus fones de ouvido.

Aislan, mulher que entra na Universidade.

Aislan, mulher que quer ser historiadora.

Aislan, mulher sertaneja.

Aislan, mulher trans.

Aislan chega arisca no a(r)telê. Até acho que a qualquer momento ela possa pedir a desistência de participar da pesquisa. Me preparo para isso. Entendo o quanto é difícil para mulheres falarem de si, ainda mais na perspectiva de se verem sob os próprios reflexos. Não estamos acostumadas com isso.

Ao chegarmos, juntas, na primeira questão disparadora, Aislan adquire um olhar íntimo sob a máscara de tecido que ainda cobria o seu rosto, mesmo após as restrições referentes à pandemia de Covid-19 já terem sido retiradas. Ao falar da sua infância, revela-me inicialmente as dificuldades encontradas por uma mulher sertaneja crescida no ambiente urbano de uma cidade do interior da Bahia - relembrando uma criança que já se via menina-mulher (na escola, em casa, na vida em sociedade). Aislan deixa claro que os atravessamentos de sexualidade se manifestam na vida das mulheres desde cedo e que desdobram-se em caminhos diversos para cada uma delas. Olhar para o passado é encontrar a primeira coragem de Aislan, a primeira rosa que desabrocha para ela em primaveras.

Trazendo para nós a segunda questão disparadora dos nossos a(r)telês, Aislan se vê no presente, aluna da Universidade do Estado da Bahia. Mulher trans sertaneja universitária. Apesar de entender a importância da presença dela nesse espaço, Aislan não se sente totalmente segura aqui. Nesse momento, me conta do porquê ainda estar utilizando a máscara no rosto. Diz que tem consciência que a pandemia não oferece mais riscos para pessoas que estejam sem máscaras em lugares públicos, mas prefere utilizar para esconder os fios de barba que a genética insistiu em marcar.

Tantas e tantos ansiosos/as para livrar-se das máscaras e Aislan demonstra alívio por ainda poder utilizá-la sem tanta estranheza. Será que a Universidade já se

deu conta desse momento? A Universidade do Estado da Bahia, lócus dessa pesquisa, desde o ano de 2020 aprovou as vagas reservadas em cotas para pessoas trans e travestis. Um importante avanço e ainda se destaca que o Departamento de Ciências Humanas do Campus IV aprova em Conselho Departamental a criação do Núcleo de Atendimento para Pessoas Dissidentes (em implantação).

Não há que se negar a importância dessas ações para a chegada, acolhimento e permanência de pessoas como Aislan na Universidade. Porém, um questionamento paira no ar: escutamos (nós, universidade) verdadeiramente escutamos o que o corpo de Aislan, ocupando o espaço da universidade, fala? Estamos preparadas/os para realmente recebê-la ou apenas esperamos que os mais novos documentos normativos criados deem conta de fazer com que ela se sinta plenamente acolhida e capaz de todos os seus atos de direito dentro desse espaço?

No entanto, Aislan arteia a si mesma com as cores do sertão urbano de Jacobina todos os dias. Apesar de me dizer da vontade de ainda ocupar mais os espaços dos bastidores, sempre apresenta a si mesma com vestimentas coloridas, sapatos com detalhes e muitos acessórios, sempre impecável. Relata-me a crescente coragem que carrega consigo e que não desistirá dos seus sonhos, afinal a sertaneja é antes de tudo, forte!

Aislan, é mais uma a lutar pelos direitos das pessoas LGBTQIAPN+ que pautam ações afirmativas, haja vista que estas,

[...] são políticas focais que alocam recursos em benefício de pessoas pertencentes a grupos discriminados e vitimados pela exclusão sócio-econômica no passado ou no presente. Trata-se de medidas que têm como objetivo combater discriminações étnicas, raciais, religiosas, de gênero ou de casta, aumentando a participação de minorias no processo político, no acesso à educação, saúde, emprego, bens materiais, redes de proteção social e/ou no reconhecimento cultural (DUARTE, A. C., 2014, p.5).

Como pode ser observado na citação posta em relevo, também oriunda do texto de Duarte, as ações afirmativas, conhecidas assim por seu caráter de afirmar o direito da isonomia aos sujeitos historicamente subalternizados, tem a objetivação de servir como elemento reparador para que pessoas LGBTQIAPN+, indígenas, mulheres, afrodescendentes e pessoas do campo, tenham seus direitos fundamentais reconhecidos e preservados, atuando assim como ferramentas éticas

de promoção da igualdade, como elementos que visam favorecer determinados segmentos da população. Afinal, como se enuncia a Uneb em seus documentos oficiais e de publicidade, se caracteriza por uma universidade inclusiva, socialmente referenciada e diversa.

Aislan, seu corpo performático, suas dores e histórias, são convocações à todies nós da Uneb, da sociedade, como compromisso ético de assumirem a responsabilidade de reconhecer e desfazer os mecanismos lgbtfóbicos que impedem o acesso de grande parcela da população de sujeitos dissidentes à educação, como também a cargos trabalhistas, ocupações no mercado de trabalho, cujas posições atravessadas pelas peculiaridades da estética e da beleza de seus corpos compõem e também apresentam como outra luta para firmar sua presença no mundo, defendendo outro modo de existência.

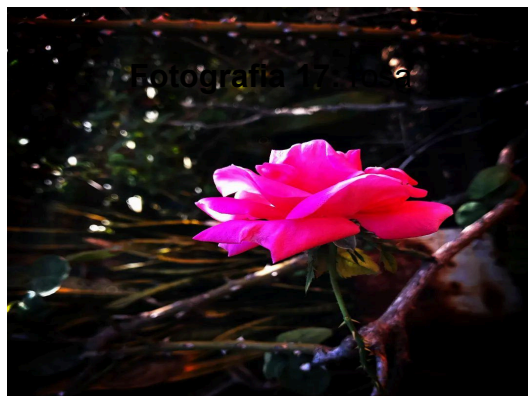
No último a(r)telê, Aislan me surpreende e nos encontramos sem máscaras cobrindo o rosto, um batom vermelho encheu-me os olhos e me fez sorrir logo ao vê-la. A formação gira e volta a mim, pesquisadora, também me arteio como Aislan - sempre com um vivo batom vermelho. Porém, naqueles breves instantes que me restam até chegar de fato até ela, pisando no chão de ladrilhos do corredor externo da Universidade me pergunto que eu e Aislan tentamos esconder por trás dos batons vermelhos que usamos. Talvez seja a forma de duas mulheres sertanejas encontraram de dar mais cores a si mesmas dentro de um espaço ainda tão gris.

Diante da nossa última questão disparadora, Aislan se vê professora no futuro, ocupando espaços de salas de aula da rede pública de ensino. Ela sabe dos desafios que a esperam, mas está disposta a enfrentá-los. Surpreende-me ao relatar que nossos encontros em arte(liês) a inspiraram a mostrar o rosto, mas que está sendo um grande desafio. Juntas, nesse último passeio para a composição dessa pesquisa, nos entendemos dentro da gira da diversidade na universidade pública que ocupamos - ora de mãos dadas, ora separadas (pelos nossos diferentes atravessamentos em sexualidade) mas sempre olhando uma para a outra, sem nos perder de vista.

A Universidade abriu as suas portas para Aislan e tantas/os outras como ela. Esperamos que as políticas públicas de entrada e permanência continuem sendo fortalecidas e ampliadas, mas que também o acolhimento, na prática e no dia-a-dia, também sejam colocados em destaque.

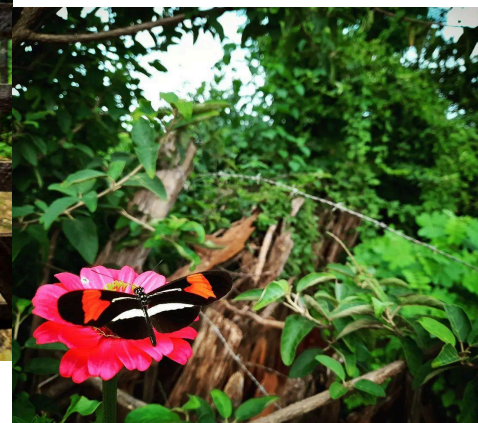
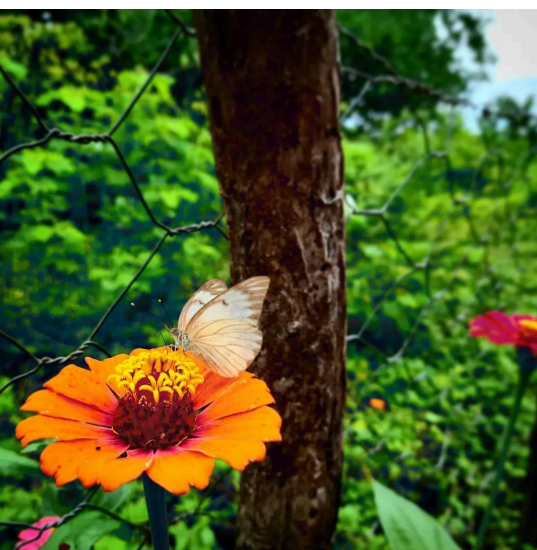
Cabe a nós, todas/os, que vivenciamos a formação todos os dias na universidade em todas suas nuances, trabalharmos juntas/os a fim de fortalecer as nossas ações, valorando-as em contextos de diversidade - como a de Aislan - e como a de tantas outras mulheres sertanejas que veremos logo adiante na itinerâncias destes a(r)телиês. Deixo rosas ainda em botões para Aislan, suas cores irão desabrochar em breve junto com elas.

Me perdi pelo caminho
Mas não paro, não
Já chorei mares e rios
Mas não afogo, não.
(Iza)



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2018.

Fotografias 18: borboletas no sertão



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2018.

5.2. OS VOOS DE THAÍS

Quem olha para Thaís com um único olhar certamente terá dificuldades em enxergar as suas asas. Mãe de três meninos, professora universitária, líder de grupo de pesquisa Cult-vi, esposa, dona de uma casa (versão ampliada e mais real da expressão “dona de casa”. Thai, como carinhosamente a chamo e como ela também me autorizou a chamá-la e divulgar seu nome nessa pesquisa, encontra-me na itinerância do primeiro a(r)telê acompanhada do seu filho do meio, criança ainda, na fase das grandes curiosidades.

Construo a(r)telês com Thaís desde quando trabalhei no Núcleo de Pesquisa e Extensão do Campus IV da UNEB - conforme mencionado anteriormente - então considero este nosso encontro como uma extensão da construção das nossas artes de si juntas, construídas no dia-a-dia da universidade já há alguns anos. Tecemos e construímos perspectivas formacionais em diversidade sempre que nos encontramos e aproveitamos nossos poucos minutos de conversa de corredor para pensarmos no que podemos fazer para melhorar este lugar habitamos cotidianamente.

Dessa vez, o encontro foi diferente. Encontrei uma Thaís que ao estar diante da primeira questão disparadora voltou o seu olhar para um passado distante e então começa a me contar de outros lugares antes daquele no qual estávamos e desse modo, traça um ponto novo no meu mapa de pesquisadora itinerante. A Thaís que fala comigo agora está na roça sentada ao lado da avó num pequeno tamborete. Uma jovem mulher sertaneja que pensa em como seria mudar-se para longe da família em Antônio Gonçalves - BA, em como sair da roça, daquele sertão que durante toda a sua vida representou o mundo inteiro para ela. A referência da mãe e da avó chega com muita força e ela diz o quanto a mãe dela inspirou-se em sua avó e em como ela inspira-se em sua mãe. Essas outras duas mulheres sertanejas da narrativa de Thaís a encorajam a levantar-se e ir em busca dos seus sonhos, em busca daquilo que no fundo as três acreditavam: que elas poderiam chegar aonde quisessem.

Nesse momento da narrativa, a história de Thaís entrelaça-se à minha. Eu, mulher sertaneja que também deixei o meu sertão de nascença para trás inspirada por aquelas que ladearam o caminho para que eu pudesse passar e seguir em frente. Nossas artes de si aqui, minhas e de Thaís, são artes de desassossego e

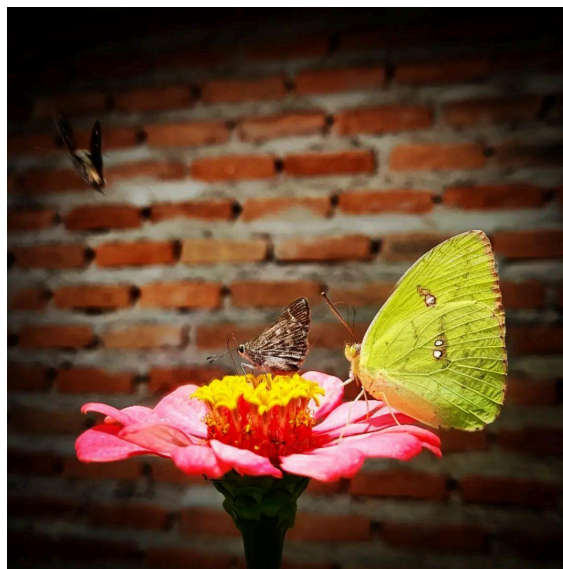
insegurança, reflexo de um sertão interiorano e da roça que ainda não consegue nos dar, no seu chão, o aparato necessário para conseguirmos seguir o sonho de chegar à universidade. Mas nossa formação começa justamente aqui, quando nos damos conta da força que aquelas que nos antecederam e que nos ensinam que a primeira arte que fazemos de nós mesmas vem do berço onde colocamos os pés pela primeira vez.

Thaís chega em Jacobina e aqui forma-se professora, profissão que ocupa até hoje. Diante da segunda questão disparadora, ela orgulha-se de hoje ser professora universitária do curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas da UNEB e também de ter grande, alunas mulheres. Mulheres, que como ela mesmo disse no decorrer dos a(r)телиês, sertanejas como ela, fortes como ela. Hoje, Thaís é uma professora doutora e enxerga nas suas alunas o mesmo potencial para sê-lo também. Professora formadora de outras professoras, um sonho que ajuda a construir e realizar novos sonhos.

Grande parte dessas mulheres que também habitam o cotidiano da universidade e que no momento do segundo a(r)телиê adentram a sala de aula onde Thaís as aguardavam têm seus caminhos entrelaçados com os nossos. Observando a diversidade delas, em raça, classe social, sexualidade, entende-se a importância da presença da universidade no interior do país, em especial nos territórios de sertão. Ainda que uma boa parte delas precise deixar, assim como eu e Thaís deixamos, as nossas primeiras mulheres de referência para trás, é inegável a relevância e a diferença que o ensino superior cada vez mais perto dos pequenos centros e territórios faz na vida dessas mulheres.

Ao chegar no terceiro a(r)телиê acompanhadas pela terceira questão disparadora, Thaís vê a Universidade como o grande centro potencializador de transformações sociais e políticas. Entende que a diversidade atravessa os conceitos de gênero, raça, etnia, classe social e também de sertão, demonstrando que as mulheres sertanejas produzem e transformam os espaços que ocupam. Thaís, mulher-mãe-professora, arteia a si e a tantas outras mulheres sertanejas a partir da sua experiência, marcando na cartografia dessa pesquisa a importância dela para a concepção de novas formas de se pensar a formação em diversidade, especificamente, diversidades sertanejas para que assim como ela, as mulheres que a veem nesse movimento colaborativo da experiência também possam alçar seus vãos pelos céus do sertão.

Fotografia 19: duas borboletas sobre a flor



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2018.

5.3. OS CAMINHOS DE ISABELA

Os a(r)teliês com Isabela aconteceram no lugar onde ela sempre se encontra na universidade, na grande maioria das vezes - a antessala da direção do Departamento. Sempre muito séria, atenta e disposta a resolver qualquer demanda das mais variadas categorias, Isabela me recebe com um sorriso no rosto e diz que me esperava ansiosa para nossas construções e descobertas.

Inicialmente, na nossa primeira questão disparadora, ela me conta como, assim como eu (e me dou conta nesse momento do tempo em que estou aqui), está aqui desde a graduação em Licenciatura em História. Rememora com saudades o tempo de aluna e as grandes aventuras pelas quais passou enquanto ocupava este espaço nesse período.

Mas ela volta um pouquinho mais. Expõe agora a construção de artes de si de uma mulher sertaneja da roça, vinda de lá do Distrito de Lages do Batata - Jacobina - BA. Com o apoio daquilo que os pais conseguiam lhe entregar, vem morar em Jacobina para ingressar no ensino superior. Aqui a narrativa de Isabela, técnica universitária, é atravessada pela cartografia narrativa de Thaís, professora universitária e a minha também. Todas nós deixamos as nossas casas e famílias no

sertão da roça para conseguir realizar o sonho/objetivo de ingressar no ensino superior, de habitar os espaços da universidade.

Hoje, Isabela vê a Universidade como um lugar mais distante, apesar de estar fisicamente ainda mais próximo dela. Ao trabalhar como técnica, passou a ter de lidar com os desafios diários que a gestão universitária apresenta e a enfrentá-los com os instrumentos que possui (na grande maioria das vezes, muito poucos).

No entanto, a Isabela dos primeiros sonhos na Universidade retorna, se funde à Isabela de hoje e juntas entram no Mestrado em Educação e Diversidade. Pesquisa sobre a política de cotas na universidade e como os/as alunos/as se percebem dentro dessa política. Uma pesquisa corajosa, assim como ela precisa ser todos os dias. O trabalho na universidade a moveu a encontrar novamente o fôlego para encarar mais um desafio no ensino superior, agora impulsionado pelas vivências de alunos/as que muitas das vezes desconhecem a própria política de cotas da qual fazem parte.

Para o futuro, Isabela não sente segurança em dizer que continuará na Universidade, apesar de toda a sua narrativa anterior apontar àqueles/as que a escutam o caminho contrário. Mesmo assim, arteia a si mesma nesse espaço e afirma que são as suas experiências aqui que a formam todos os dias. Ao se propor pesquisar sobre política de cotas, afirma a sua preocupação pelo respeito à diversidade no ensino superior. O sertão tem cores, tem gêneros, tem sexualidades, tem classes sociais distintas e encontrar mulheres sertanejas que se interessam e se engajam na luta pela garantia do acesso e da permanência dessas pessoas dentro da Universidade é de extrema relevância, na medida em que a construção coletiva e colaborativa desses processos deixa o caminho mais firme e seguro.

Como Isabela mesmo afirma, “tenho que descascar abacaxis imensos aqui todos os dias”. “Mas alguns abacaxis depois de descascados revelam uma suculenta doçura”, digo a ela. Ela sorri e continua a trabalhar nos processos e demandas de mais um dia de uma sertaneja na universidade.

Fotografia 20: miniatura de abacaxi



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2018.

5.4. O SOL BRILHA EM ANDREZA

Começo dizendo que Andreza é uma das mulheres sertanejas mais fortes que já conheci. Ela vive o sertão em todos os seus traços e gostos e isso é visível a todos os olhos assim que a enxergamos. O sertão que Andreza carrega em si é o sertão da roça, das estradas de terra da cidade de Serrolândia-BA, do gosto das frutas colhidas no quintal de casa, da comida caseira que ela traz todos os dias com o que produzido de forma manual no quintal da casa dos seus pais.

Andreza e todo esse seu sertão vem para a universidade para alcançar o sonho do ensino superior, assim como eu, Thaís e Isabela. Chega para se tornar professora de Geografia. Ao artear esse momento em nossa cartografia, ela para e sorri, dizendo: “mas tu não sabes o que aconteceu, lane, eu engravidei”. Atravessamentos de uma maternidade no sonho da menina do sertão de se formar na faculdade. Ela conta como foi difícil nascer a mulher sertaneja mãe, já que essa viria a se tornar a personagem principal de toda a história que seguiria os passos de Andreza a partir desse momento.

A sertaneja é antes de tudo uma forte. E Andreza, agora mãe de Aninha, não desiste do seu sonho. Mais tarde, professora de Geografia, decide retornar para a universidade como técnica. E consegue. Agora, e já diante da segunda questão

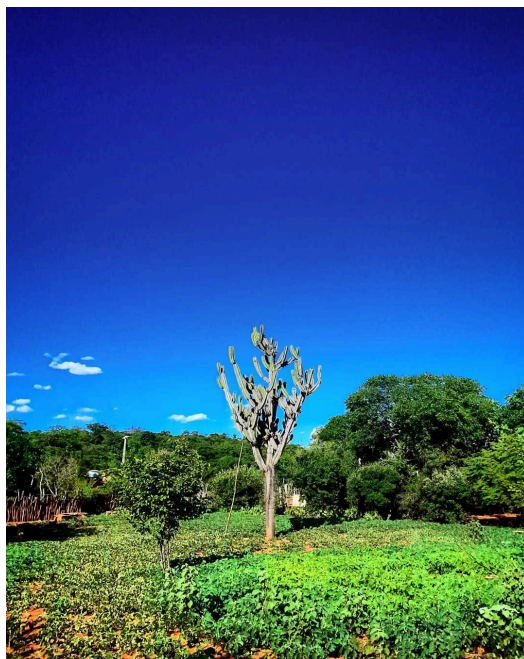
disparadora, Andreza vê a Universidade como espaço rico de transformação da vida de mulheres como ela, sertanejas que enfrentam numerosos desafios para poder estar habitando esse lugar.

Enxerga a universidade como local de aprendizados múltiplos e diversos, fonte de riquezas sociais e culturais para se apreender e aprender. Mas também, assim como Isabela, enxerga os desafios de quem está por dentro do funcionamento e gestão da universidade agora. Ela teme que este espaço que é planejado para que as pessoas possam mostrar todas as suas nuances e diversidades, para que as mulheres possam empoderar-se de si mesmas e acreditar que podem construir o seu próprio futuro seja sucumbido em meio ao desleixo e ao descaso do poder público.

Ainda assim, enxerga o futuro na universidade com brilho nos olhos. Acredita na luta por dias melhores na educação e que as mulheres sertanejas farão parte, como já fazem, dessa história. Andreza é forte como a raiz de mandioca que ela traz para o almoço junto como o cortado de palma que ela me conta feliz que aprendeu a fazer e que faz questão de que eu experimente.

Andreza arteia a si mesma com coragem e muitas cores. Vibra em seu sorriso o sol forte de um verão no sertão. Não aquele que tudo seca e entristece, mas aquele que deixa os dias mais leves e nos faz ter vontade de sair para passear. O sol do sertão brilha forte em Andreza e não haveria de haver verão nestas páginas sem a coragem do sorriso que ela carrega no rosto todos os dias na Universidade. A formação pelo acolhimento atravessada pela diversidade precisa ser um dos carros-chefe da educação superior que se propõe a ser dinâmica, acolhedora e inclusiva.

Fotografia 21: mandacaru sob o céu azul no sertão



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2018.

5.5. AS FASES DE UMA MULHER NO SERTÃO: AS HISTÓRIAS DE LUCY E TANGERINA

Lucy, mulher sertaneja da roça. Tangerina, mulher sertaneja da cidade. As duas compõem o outono desta pesquisa mesmo estando territorialmente separadas. Lucy chega à Universidade depois de ter vivido grande parte da sua vida na roça, no Distrito de Brejo Grande - Miguel Calmon - BA, com poucas expectativas do que poderia fazer da sua vida para além daquele lugar. Já arteava a si mesma desde esse momento, ajudando o pai na lida com os bichos, fazendo a colheita da produção na roça. O pai, sempre um grande marcador da sua trajetória, a acompanhava em todas as suas decisões e sonhos. Então, ao lado do pai, Lucy torna-se mãe e entrega o título de avô ao seu pai, mesmo ainda tão cedo. Lá no fundo de Lucy, o sonho da Universidade havia adormecido.

Na cidade de Jacobina, Tangerina também - antes de entrar na Universidade - vivia com poucas expectativas do que poderia fazer para além do bairro do Leader. Em casa com as irmãs, umas das poucas coisas que poderia vislumbrar era casar-se ou trabalhar em casas de família. Tangerina também já arteia a si mesma nesse período ao não se deixar levar pela rotina de casa e sempre se atentar às leituras de jornais que o pai sempre levava para casa todos os

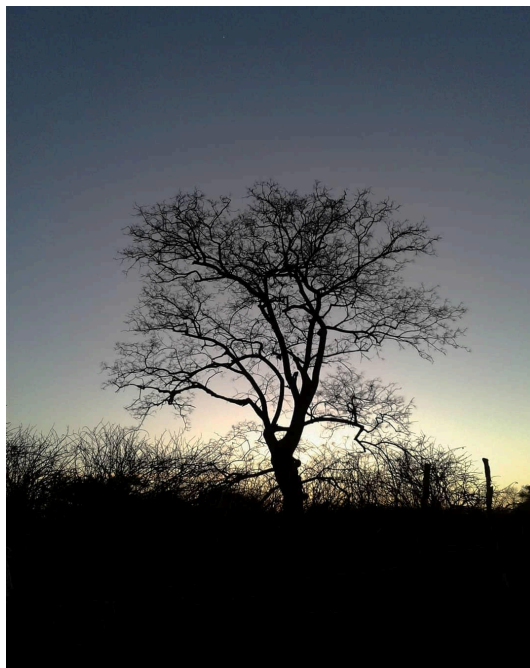
dias de manhã. A leitura a salvava daquele destino tão próximo e que ela a todo custo tentaria evitar. Assim como Lucy, uma figura importante atravessa a vida de Tangerina nesse período: o seu pai.

Essa pesquisa fala sobre mulheres sertanejas, mas aqui há que se marcar a presença da figura desses pais sertanejos tão fortes e tão presentes na trajetória de vida das suas filhas. Vejo nos pais de Lucy e de Tangerina o meu pai, homem sertanejo que sempre fez/faz de tudo para que os meus caminhos na vida sejam os mais leves e tranquilos possível. Esses pais, assim que perceberam as folhas dos sonhos das suas filhas começarem a cair no solo do sertão, cuidaram para que esse outono se desdobrasse em verões e não se encerrasse em um frio e demorado inverno (invernos no sertão são difíceis).

O pai de Lucy, ao perceber a vontade da filha em adentrar o ensino superior, vem até a cidade de Jacobina conhecer a Universidade do Estado da Bahia e recebe a informação de que as inscrições para o vestibular estavam abertas. Revive o sonho da filha depois de 17 anos. Lucy chega à universidade e agora arteia a si mesma nos giros acadêmicos entrelaçados com as artes de si no sertão da roça. Para o futuro, enxerga a continuidade da sua formação enquanto mãe, professora de Educação Física, mulher sertaneja da roça.

Enquanto andava de bicicleta pela frente da antiga Faculdade de Formação de Professores de Jacobina (que depois tornou-se UNEB), o pai de Tangerina também viu as inscrições para o vestibular abertas sendo expostas num cartaz colado à porta. Tangerina então, apoiada pelo pai, realiza o seu sonho. Hoje, professora de português da educação básica municipal, acredita no potencial que a educação tem de transformar a vida das pessoas. Tanto acredita, que também hoje habita o espaço da universidade como técnica administrativa, apoiando e incentivando projetos voltados para a educação em diversidade. Arteia a si mesma com o passar do tempo, provando que nunca é tarde para ir atrás dos seus sonhos.

Fotografia 22: árvore sem folhas no pôr-do-sol



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2018.

5.6. AS DORES E AMORES DE ROSA E DONA ZEFA

Rosa e Dona Zefa estão hoje na Universidade com os mesmos objetivos: ver suas filhas e netas um dia ocuparem aquele lugar como estudantes. Elas veem todos os dias alunas/os passarem calmamente, ou não, para suas salas de aula. Há alguns anos trabalham nos serviços gerais da UNEB e tendo sempre como guias o acolhimento, são amadas e admiradas por todas/os.

As duas quase não falam nos a(r)telêes e apontam que chegam à universidade sem nem saber muito o que todo aquele lugar significava. Com o passar do tempo, entenderam que de alguma forma, aquele lugar simbolizava muito para o futuro de todas aquelas pessoas que ali estavam. Porém, as narrativas das duas fogem um pouco aos muros da universidade e chegam ao campo dos sentimentos.

Rosa, me conta das dores de amar. Uma sertaneja forte que trabalhou desde criança para sustentar suas filhas e sente muito orgulho disso, mas que não se recorda de viver a alegria do amor. Ela me conta que sempre achou que amou, mas suspeita que estava errada todo este tempo. Entre idas e vindas num casamento difícil, marcado por traições e desentendimentos, Rosa encontra um

novo caminho: a entrada numa igreja evangélica. De início, um convite para salvar seu casamento. Hoje, um convite para salvar a si mesma. Rosa, mulher sertaneja divorciada, ainda procura os caminhos do amor.

Dona Zefa, ao contrário, diz que cada dia se recorda de como é bom o amor. Casada há muitos anos, relata-me a sensação de sentir-se cada vez mais amada todos os dias. Amor que ela deixa transbordar a cada palavra, gesto e olhar. O amor atravessa as mulheres sertanejas todos os dias, seja ele no amar ou no desamar. Perspectivas formacionais para a diversidade não podem deixar de considerar o amar das mulheres que as fazem e os atravessamentos que esse sentimento causa na vida de todas elas. Rosa e Dona Zefa nos ensinam bem sobre isso.

Fotografia 23: caju numa assadeira em formato de coração



Fonte: Coletânea de fotografias da autora, 2018.



CONSIDERAÇÕES FINAIS - O CICLO SE RENOVA, O SERTÃO SEMPRE VOLTA A BROTAR

Atravessar esses mais de dois anos com essa pesquisa foi mais desafiador do que pensei. Talvez nunca imaginasse que viveria a aridez do período de seca no sertão assim como ele. Um dos maiores aprendizados que carrego certamente é este - saber atravessar uma estrada de espinhos, seca e sem sombra - na esperança e também, porque não, na certeza que tão logo as primeiras águas caíam, ela tornará a brotar.

A proposição dessa pesquisa em buscar as artes de si das mulheres sertanejas que habitam a universidade apresentou-me potencialidades infinitas de caminhos para seguir e cartografias para desenhar. Cada uma das mulheres que contribuíram com as suas narrativas demonstrou a força que cada uma delas carrega dentro de si, e principalmente, a diversidade de saberes capazes de trazer o espaço educacional da universidade que elas trazem em suas vivências e experiências. Os atravessamentos de raça, sexualidade, classe social, todos eles imbricados na teia do sertão nos mostram que essas mulheres, assim como tantas outras que ainda não fazem dessa pesquisa, podem contribuir de maneira expressiva com o crescimento e fortalecimento das perspectivas formacionais gestadas pela universidade.

Por outro lado, ainda conseguimos enxergar a dificuldade que a mulher sertaneja tem de dizer sobre si e sobre as experiências que carregam. Acostumadas com o lugar do silêncio, foi necessária toda a montagem de um novo arranjo metodológico pautado na itinerância das narrativas para que as suas vozes fossem ouvidas, seus saberes evidenciados e suas experiências e artes de si relatadas neste trabalho.

Desse modo, para o acompanhamento dessa pesquisa ao longo dos próximos dois anos, propomos a criação de um almanaque ilustrado com as narrativas completas e detalhadas das participantes da pesquisa, com todas suas potencialidades, cheiros, cores e sabores. Também propomos a criação de um grupo de mulheres sertanejas universitárias para debater e promover a valorização das experiências dessas mulheres em seus territórios de sertão e na universidade onde habitam, também localizada no sertão baiano. A diversidade das mulheres

sertanejas retratadas através dos olhos da pesquisadora (em imagens do sertão que acompanham este trabalho) e arteadas por elas a cada a(r)telê demonstram que ainda há muito o que explorar nesta mapa cartográfico da vida-formação da educação em diversidade por veias sertanejas femininas.



REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ Anete; RODRIGUES; Tatiane Cosentino e CRUZ, Ana Cristina Juvenal da. A diferença e a diversidade na educação. In: Contemporânea. **Dossiê Relações Raciais e Ação Afirmativa**. ISSN: 2236-532X ; n. 2, p. 85-97, Jul.–Dez. 2011.7
- AGUIAR, Karollinne Levy Pontes de. **Uma câmera para os quilombolas: Representações Imagéticas de Si e da Cultura Negra em Ourém-PA**. Mestrado em Artes, Universidade Federal do Pará. Belém, 2014.
- ANDRADE, Elciana Roque Silva. **Equipe multiprofissional no Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAEE) em uma instituição especializada de Jacobina/Ba: Tecendo cuidados para alunos com TEA**. Mestrado Profissional em Educação e Diversidade – MPED, Universidade do Estado da Bahia. Jacobina, 2019.
- ANECLETO, U.C. VIEIRA, R. Prefácio. In: SILVA, A. L. G. da. SILVA, J. J. C. RODRÍGUEZ, V. M. A, organizadores. **Interseccionalidades em pauta: gênero, raça, sexualidades e classe social**. Salvador : EDUFBA, 2020. Prefácio, p. 7-12.
- ARAGAO, Elisabeth Maria; BARROS, Maria Elisabeth Barros de; OLIVEIRA, Sonia Pinto de. Falando de metodologia de pesquisa. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 5, n. 2, p. 18-28, dez. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-4281200500020003&lng=pt&nrm=iso>.
- ARAÚJO, Raimundo Dutra de; MACHADO, Francisco Antônio (Org.). **Processos Metodológicos na Pesquisa em Educação: dispositivos de produção e análise de dados em movimento**. 1 Ed., Parnaíba, PI: Acadêmica Editorial, 2020, p. 123-139.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30. Jan/jun. 2002.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015A.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: as artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- CUNHA, Girleide Ribeiro Santos. **Elas por elas. A imagem da mulher no discurso das quebradeiras de coco babaçu no sertão baiano: identificação, transgressão e transmutação**. Mestrado em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2016.

da Silva, A. L. G., Sá, M. A. Ávila dos S., & Nunes, J. B. A. (2019). A PESQUISA NOS MESTRADOS PROFISSIONAIS EM EDUCAÇÃO. *Interação - Revista De Ensino, Pesquisa E Extensão*, 20(2), 143 - 161.

<https://doi.org/10.33836/interacao.v20i2.164> - 2018

DELEUZE, Gilles. **Cinema II: A Imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DEUS me proteja de mim. Intérprete e Compositor: Chico César. *In*: Francisco, Forró e Frevo. Intérprete: Chico César. [S.I.]: EMI Music Brasil, 2008.

DONA de mim. Intérprete e Compositor: Iza. *In*: Dona de Mim. Intérprete: Iza. [S.I.]: Warner Music Brasil, 2018.

DOS oruguitas. Intérprete: Sebastián Yatra. Compositor: Lin-Manuel Miranda. *In*: Encanto. Intérprete: Sebastián Yatra. [S.I.]: Disney, 2022.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. **Educ. Soc.**, Campinas, v.28, n.98, p.73-95, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

FLUSSER, V. 2002. **Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro, Relume Dumará. 82 p.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.

GOMES, Antenor Rita. **Sertão em cores: caminhos para ensinar e aprender com imagens do Sertão**. Salvador: EDUFBA, 2019.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. 2000. Narrative interviewing. *In*: BAUER, M.; GASKELL, B. (Eds.). **Qualitative researching with text, image and sound: a practical handbook**. p. 57-74. London, England: Sage Publications.

KATANOSAKA, Vitor Yugo. **Autorretrato: Fotografia: Reflexão**. Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2015.

LÁ no meu pé de serra. Intérprete e Compositor: Luiz Gonzaga. *In*: No meu pé de serra. Intérprete: Luiz Gonzaga. [S.I.]: Revivendo Discos, 1987.

LAZZAROTTO, Romanzini Gislei Domingas; CARVALHO, Julia Dutra de . Afetar. *In*: FONSECA, Tania Mara G; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci. (Orgs). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LIMA, Laíla Sampaio. **FOTOGRAFIA, PRONUNCIAMENTOS VISUAIS E FORMAÇÃO CRÍTICA: A produção de sentido como experiência formativa com a Comunidade de Barroco de Cima (Mirangaba, BA)**. Mestrado Profissional em Educação e Diversidade – MPED, Universidade do Estado da Bahia. Jacobina, 2019.

MEDEIROS, Marlene Alves de Oliveira; SILVA, Ana Lúcia Gomes. Escala de valor e ateliê de pesquisa: dispositivos de construção de dados para a formação docente na pesquisa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira. **Anais...** Disponível em: <http://anaisbr2017.redeestrado.org/trabalhos/eixos?title=11>.

MIRZOEFF, N. **Una introducción a la cultura visual**. Barcelona: Paidós, 2003.

- MORAES, Ana Alcídia de Araujo. **Historias de leitura em narrativas de professoras**: alternativa de formação. Manaus: Univ. do Amazonas, 2000.
- MOREIRA, Gislene. **Sertões Contemporâneos: rupturas e continuidades no semiárido** – Salvador: Eduneb; Edufba 2018.
- PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.
- QUE nem vovô. Intérprete e Compositor: João Gomes. *In: Ao vivo em Fortaleza*. Intérprete: João Gomes. [S.I.]: Sua Música, 2021.
- RAGO, M. **A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. São Paulo: Editora Unicamp, 2018.
- RIACHO da saudade. Intérprete e Compositor: Santana O Cantador. *In: Riacho da Saudade*. Intérprete: Santana O Cantador. [S.I.]: Song, 2016.
- RIOS, Jane, SILVA, Fabrício, GOMES, Ana Lúcia. Formação docente no Ensino Fundamental: interface com a diversidade. **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemporaneidade**, Salvador, v. 29, n. 57, p. 109-124, jan./mar. 2020.
- RIOS, Terezinha Azerêdo. A ética na pesquisa e a epistemologia do pesquisador. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 80-86, jun. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-1168200600010008&lng=pt&nrm=iso>.
- ROCHA, Ivânia Nunes Machado. **Páginas do Sertão: leitura e imaginação no universo de sertanejas**. Mestrado em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia. Alagoinhas, 2016.
- SANTOS, Arlinda Santana. **Memórias e outras histórias: reflexões sobre a escrita memorialística de Zelia Gattai**. Mestrado em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia. Alagoinhas, 2016.
- SELIGMANN-SILVA, M. Viver no feminino - uma mais sete histórias de vida. In: RAGO, M. **A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Unicamp, 2018. Prefácio, p. 13-21.
- SILVA, A. L. G. da; RIOS, Ádina . N.; SILVA, F. O. da. CARTOGRAFIA DAS PRODUÇÕES SOBRE PROFISSÃO DOCENTE EM CONTEXTOS DE DIVERSIDADE NA BAHIA. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade - REED**, [S. I.], v. 2, n. 3, p. 318-342, 2021. DOI: 10.22481/reed.v2i3.8099. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/8099>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- SILVA, Ana Lúcia Gomes da ; XAVIER, Luciano Santos. ; SILVA, Luna Layse Almeida da . **O que pode um Estágio Supervisionado como mergulho na experiência?**: variações no dispositivo diário de bordo. *Linha Mestra*, v. 01, p. 150-159, 2021.

SILVA, Gislene Alves da. **Narrativas autobiográficas de escritoras de Alagoinhas: processos de (auto)formação e ressignificação**. Mestrado em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia. Alagoinhas, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

TEDESCO, S. **A Ética da pesquisa e a perspectiva da cartografia: algumas considerações / The ethics of research and the cartographic perspective: some considerations**. *Revista Polis e Psique*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 32–47, 2015. DOI: 10.22456/2238-152X.53952.

TERMINEI indo. Intérprete: A Banda Mais Bonita da Cidade. Compositor: China. *In: Vinil Compacto 7" Canções que vão Morrer no Ar*. Intérprete: A Banda Mais Bonita da Cidade. [S.l.]: Estúdio Joinha Lab, 2012.

VASCONCELLOS, Ana Luisa Fonseca de. **Rastros em chão branco: o sertão de João Guimarães Rosa entre percepções e memórias de travessias**. Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquara, 2015.

VASCONCELOS, Vânia N.P. **Entre a norma e a rebeldia: rastros de feminismos no sertão baiano**. *SÆCULUM -Revista de História*, v. 24, n. 41, João Pessoa, p. 204-216, 2019.

VASCONCELOS, Vânia. **Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações acerca das mulheres em uma cidade do interior (1960-1990)**. Salvador: EGBA, Fundação Pedro Calmon, 2007.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **Ser-Tão Baiano: a baianidade e a sertanidade no jogo identitário da cultura baiana**. Salvador: IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2008.

ZERO. Intérprete e Compositor: Liniker. *In: Cru*. Intérprete: Liniker. [S.l.]: Budde Music, 2015.